



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

MARCOS ANTÔNIO DOS SANTOS ALVES

ÊXODO RURAL E CRESCIMENTO URBANO NO MUNICÍPIO DE ARARA-PB

**CAMPINA GRANDE- PB
2018**

MARCOS ANTÔNIO DOS SANTOS ALVES

ÊXODO RURAL E CRESCIMENTO URBANO NO MUNICÍPIO DE ARARA - PB

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Área de concentração: Geografia da População

Orientador: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa

**CAMPINA GRANDE-PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474e Alves, Marcos Antonio dos Santos.
Êxodo rural e crescimento urbano no município de Arara -
PB [manuscrito] : / Marcos Antonio dos Santos Alves. - 2018.
66 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa, Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Êxodo rural. 2. Relação campo/cidade. 3. Insegurança no campo. 4. Arara - PB.

21. ed. CDD 325.2

MARCOS ANTÔNIO DOS SANTOS ALVES

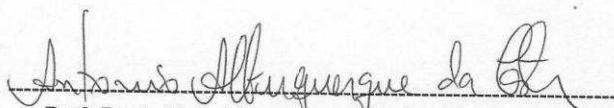
ÊXODO RURAL E CRESCIMENTO URBANO NO MUNICÍPIO DE ARARA - PB

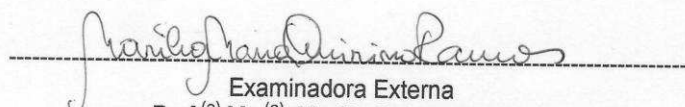
Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.


Área de concentração: Geografia da População

Aprovado (a) em: 18/04/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Examinadora Externa
Prof. (a) Ms. (a) Marília Quirino Ramos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Examinador Interno
Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Á minha mãe Maria Eliete, à minha avó Joana, às minhas tias Edjane e Edvânia, e às minhas irmãs Erika e Joseane, pela motivação, atenção, amor, paciência e companheirismo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) pela minha formação acadêmica. Ao Departamento e à Coordenação do Curso de Geografia pelo apoio depositado, nos momentos que se fizeram necessário.

Aos professores/as do Curso de Geografia da UEPB, Campus I. Em especial, Prof. Dr. Arthur Tavares Valverde, Prof.^a Ms^a Marília Quirino Ramos, Prof. Dr. Rafael Albuquerque Xavier e o Prof. Esp. Daniel Campos Martins, que contribuíram de forma significativa para o meu desenvolvimento como cidadão, profissional e pesquisador.

Ao Professor Dr. Antônio Albuquerque da Costa, meu orientador, por ter aceitado o convite para orientação, pelas leituras sugeridas ao longo da pesquisa, pela paciência, ensinamentos e dedicação. As pessoas entrevistadas no município de Arara – PB. Ao IBGE, por algumas informações fornecidas.

À minha mãe Maria Eliete dos Santos Alves, à minha avó Joana da Costa Santos, às minhas tias Edjane da Costa Santos e Edvânia da Costa Santos, por me fazer trilhar pelos caminhos corretos, pela paciência e compreensão por minha ausência nas reuniões familiares.

A todos os colegas de classe, em especial Marcos Antônio da Costa e Márcio Aleixo Rangel, pelos momentos de amizade e apoio. Por fim, ao meu grandioso Deus, por me guiar e proteger, pela saúde, por me permitir realizar mais um sonho e está sempre presente em minha vida.

A Cidade

*“E a cidade se apresenta
Centro das ambições
Para mendigos ou ricos
E outras armações
Coletivos, automóveis,
Motos e metrô
Trabalhadores, patrões,
Policiais, camelôs
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce!”*

Composição: Chico Science

ALVES, M. A. dos Santos – **Êxodo rural e crescimento urbano no município de Arara – PB.** (Monografia/Graduação UEPB/CEDUC Departamento de Geografia. Campina Grande. 2018.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo entender os fatores que influenciaram o êxodo rural entre os anos de 2001 e 2016, no município de Arara – PB e que contribuíram para o rápido surgimento das ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, na periferia da cidade. Busca também, avaliar os reflexos sócioespaciais desses novos espaços produzidos a partir deste êxodo interno no referido município. A escolha da referida temática, deve-se ao fato de tal processo está cada vez mais presente nas pequenas e médias cidades, atualmente. Tal escolha é também, devido ao fato de vir acompanhando as relações estabelecidas entre o campo/cidade de Arara – PB. Optou-se por utilizar o espaço geográfico e o território como categorias de análise em convergência ao método dialético, haja vista que se partiu do entendimento que as relações campo/cidade se efetivaram através de conflitos, e os espaços resultantes de tais relações conflituosas são espaços produzidos e reproduzidos através de objetos e ações marcadamente antagônicos. Trata-se de um estudo de caso, em que foi utilizado como instrumentos de pesquisa: a observação *in loco*, leitura bibliográfica, realização de entrevistas e a aplicação de questionários destinados a uma amostragem de 85 habitantes (30 famílias) residentes nas ruas supramencionadas, durante o segundo semestre de 2017. Constata-se que, a insegurança no campo, em especial, e a procura por melhores condições de vida, motivaram a realização do êxodo rural para a periferia da cidade. Além disso, muitas dessas famílias não perderam os seus vínculos com o campo, preservando, ainda que morando na cidade, o contato com a natureza e as relações de trabalho. Trata-se de um contingente de famílias que possuem baixo grau de instrução e renda entre menos de um salário mínimo e acima de dois salários mínimos, sendo compostas por trabalhadores agrícolas e aposentados, em sua maioria. Dessa forma, se faz necessário, por parte dos mais diversos representantes políticos da esfera municipal, estadual e federal, a ampliação e execução de políticas públicas destinadas às comunidades rurais. Sobretudo, políticas que estejam ligadas a área de segurança, pois a ausência de políticas públicas destinadas às comunidades rurais, contribui para o surgimento de problemas sociais e a elevação das taxas de esvaziamento demográfico no campo. Acarretando sérios reflexos para aqueles que vivem em pequenas e médias cidades.

Palavras-Chave: Êxodo rural. Relação campo/cidade. Insegurança no campo. Arara-PB.

ALVES, M. A. dos Santos – **Êxodo rural e crescimento urbano no município de Arara – PB.** (Monografia/Graduação UEPB/CEDUC Departamento de Geografia. Campina Grande. 2018.

ABSTRACT

This research aimed to propose to understand the factors that influenced the rural exodus between the years 2001 and 2016, at the city of Arara – PB and which contributed to the rapid emergence of Severino Pereira da Silva and Professor José Erivaldo de Lima Silva streets, at the outskirts of the city. The research also aims to evaluate socio-spatial reflexes of these new spaces produced from this internal exodus in that municipality. The choice of this theme is based on the fact that this process is present in small and medium-sized cities, currently. This choice is also due to the fact that it accompanies the relations established between the field/ city of Arara – PB. It was decided to use geographical space and territory as a category of analysis in convergence with the dialectical method, considering that it was based on the understanding that field / city relations were effected through conflicts, and the resulting spaces from such conflictual relations are spaces produced and reproduced through markedly antagonistic objects and actions. This is a case study, where it was used as research instruments: on-site observation, bibliographical reading, interviewing and the application of questionnaires for a sample of 85 residents (30 families), living on the streets cited, during the second half of 2017. It is observed that insecurity in the field, in particular, and the search for better living conditions, motivated the rural exodus to the outskirts of the city. Moreover, many of these families did not lose their ties to the countryside, preserving, although living in the city, the contact with nature and labor relations. Refers to a contingent of families that have a low level of education and income between less than one and more than two minimum wages, being composed essentially by agricultural workers and retirees. In this way, it is necessary, on the part of the most diverse political representatives of the municipal, state and federal sphere, the expansion and execution of public policies destined to the rural community. Mainly policies that are related to the area of security, since the absence of public policies aimed at this community, contributes to the emergence of social problems and the increase of demographic depletion rates in the field, causing serious reflexes to those that living in small and medium-sized cities.

Key-Words: Rural exodus. Country/city relationship. Insecurity in the Field. Arara-PB.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Localização do município de Arara/PB, no território brasileiro.....	24
Figura 02 - Localização de Arara no Curimataú Ocidental.....	25
Figura 03 - Municípios limítrofes com Arara – PB.....	26
Figura 04 - Evolução da população urbana e rural em Arara (PB).....	27
Figura 05 - Feira do Agricultor, no centro da cidade de Arara – PB.....	28
Figura 06 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade, em Arara (PB).....	30
Figura 07 - Vista panorâmica do município de Arara (PB), em 1971.....	32
Figura 08 - Vista panorâmica do município de Arara (PB), em 2010.....	32
Figura 09 - Vista da rua Hermes Lira, no centro de Arara.....	33
Figura 10 - Praça central, localizada nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora da Piedade.....	33
Figura 11 - Localização das ruas objeto de estudo, na carta do município de Arara - PB.....	35
Figura 12 - Ruas objeto de estudo: Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva.....	36
Figura 13 - Rua Severino Pereira da Silva.....	36
Figura 14 - Rua Professor José Erivaldo de Lima Silva.....	37
Figura 15 - Pirâmide etária das populações que residem nas ruas objeto de estudo.....	38
Figura 16 - Grau de instrução das populações que residem nas ruas do objeto de estudo – (2017).....	41
Figura 17 - Atividade econômica envolvida das populações no ano de 2017.....	43
Figura 18 - Renda bruta das famílias das ruas Severino P. da Silva e Professor E. de Lima Silva.....	46
Figura 19 - Número de famílias que migraram para as ruas do objeto de estudo – (2001 a 2016).....	48
Figura 20 - Origem das famílias que migraram para as ruas da área de estudo entre 2001 e 2016.....	49

Figura 21 - Principais fatores que motivaram a migração das famílias entre 2001 e 2016.	50
Figura 22 - Plantio de capim para alimentar o gado, localizado na Rua Severino Pereira da Silva.	53
Figura 23 - Criação de gado bovino em “curral”, localizado na rua Severino Pereira da Silva.	53
Figura 24 - Forma de aquisição residências por parte das famílias.	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 DINÂMICA POPULACIONAL E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO	14
1.1 Problemática das migrações populacionais no espaço mundial	14
1.2 Migrações no espaço brasileiro	16
1.2.1 Migrações Internacionais para o Brasil	17
1.2.2 Migrações internas no Brasil	18
1.3 Surgimento das primeiras cidades e o êxodo rural	20
2 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE ARARA/PB.....	23
2.1 Aspectos geográficos	23
2.2 Aspectos históricos.....	29
3 PRODUÇÃO DO ESPAÇO DO MIGRANTE E A (RE)CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE NA CIDADE DE ARARA-PB	35
3.1 Pesquisa de campo	35
3.2 Características socioeconômicas das populações das ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva	38
3.2.1 Pirâmide etária	38
3.2.2 Tempo de estudo	40
3.2.3 Atividade econômica	42
3.2.4 Renda por família	45
3.3 Êxodo rural, ocupação urbana e o surgimento de novas ruas na cidade de Arara-PB.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60
APÊNDICE A – ROTEIRO COM AS PERGUNTAS DA ENTREVISTA	63
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO DA PESQUISA	65

INTRODUÇÃO

Os espaços urbanos e rurais, bem como as transformações destes a partir da influência de fatores econômicos, políticos e culturais sempre foram elementos importantes que afetaram diretamente o transcurso da Humanidade. Os conflitos no campo, as relações de produção e de trabalho os problemas ambientais como as grandes secas que assolaram diversas partes do mundo e as transformações advindas da Primeira Revolução Industrial, ocorridas na Inglaterra, no séc. XVIII modificaram substancialmente as relações e estilos de vida tanto das pessoas que viviam no campo, quanto na cidade.

O crescimento urbano foi impulsionado pela industrialização e consequente efetivação do êxodo rural, fazendo com que as pessoas viessem a procurar melhores condições de vida na cidade, que até então eram escassas no campo. Entretanto, a melhoria na qualidade de vida não englobou a todos, devido à grande demanda de migrantes do campo para a cidade num curto espaço temporal e, as poucas oportunidades de emprego para esta população rural pouco qualificada às exigências de um mercado de trabalho mais complexo. O que ocorreu com que novas relações campo/cidade e a complexidade dos problemas mais agudos presentes tanto nos espaços rurais quanto nos espaços urbanos, precisam ser discutidos e entendidos pela ciência geográfica que desde a sua origem se debruça sobre tais temas.

Diante da problemática presente no campo e na cidade, com destaque para o estudo específico da cidade de Arara – PB foi que se sentiu a necessidade de expor o debate à comunidade acadêmica, ao próprio governo e à sociedade em geral. Optou-se por utilizar o espaço geográfico e o território como categorias de análise associadas ao método dialético no seu estudo, visto que se partiu do entendimento que as relações campo/cidade se efetivaram através de conflitos, e os espaços resultantes de tais relações conflituosas são espaços produzidos e reproduzidos através de objetos e ações marcadamente antagônicos

O fato de vir acompanhando as transformações espaciais ocorridas no município de Arara/PB e ter ciência que as ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, acolheram um grande quantitativo populacional do campo, entre 2001 (ano de início das transformações) e 2016 (período em que ocorreram as últimas transformações, antes da realização da pesquisa), que se motivou a realização da presente pesquisa.

O objetivo primordial dessa pesquisa é entender que fatores impulsionaram o processo migratório no município de Arara/PB, que contribuíram para o rápido surgimento das duas novas ruas supramencionadas na periferia da cidade, bem como, avaliar os reflexos sócioespaciais desses novos espaços produzidos a partir deste êxodo interno do referido município.

Com base neste objetivo geral, esta pesquisa busca como subsídio encontrar respostas para os seguintes questionamentos: A violência é o principal fator repulsivo, que motiva as pessoas do campo a migrarem para a cidade? A cidade é mais atrativa do que o campo, por apresentar melhores serviços prestados à sociedade? O surgimento de novas ruas na zona urbana do município de Arara – PB é uma das grandes conseqüências advindas da migração campo-cidade? A migração das populações do campo para a cidade trouxe a estes migrantes, a perda da sua identidade e uma fragmentação nas relações sócioprodutivas com o campo? A falta de estrutura adequada em relação ao setor da segurança pública reflete no tratamento diferenciado para com os moradores do campo?

Como procedimento metodológico, no primeiro semestre de 2017, optou-se por iniciar a pesquisa com a observação *in loco* do lugar e a leitura de bibliografias relacionadas à temática do objeto de estudo. Além disso, foi realizado nesse mesmo período, o levantamento de dados censitários da população do município, referente aos anos de 2000 e 2010, bem como as estimativas disponíveis do ano de 2016, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

O segundo semestre de 2017, foi reservado para o levantamento e a análise de informações objetivas e subjetivas, das populações que migraram do campo e de outras localidades circunvizinhas para a periferia da cidade de Arara. Na ocasião, foi realizada a coleta de informações de 85 habitantes (ou 30 famílias) residentes nas ruas supramencionadas, que compõem a amostragem da pesquisa, com a realização de entrevistas e o preenchimento de questionários.

Dessa amostragem, apenas 59 habitantes responderam ao questionário e participaram da entrevista, por serem os principais membros mantenedores das unidades familiares, terem idade acima de 18 anos e compartilharem a mesma história de vida com os seus filhos dependentes. Diante disso, buscando-se facilitar a compreensão da problemática, o conteúdo partirá de uma abordagem geral para específica, sendo estruturado em três principais capítulos.

No primeiro capítulo, a intenção é fazer uma abordagem geral acerca da problemática da urbanização, dos fluxos migratórios e do processo de êxodo rural no âmbito internacional e brasileiro, estabelecendo uma relação de causa e consequência.

No segundo capítulo, busca-se fazer uma caracterização do município de Arara – PB, um enfoque histórico, geográfico, político e econômico do município, desde a sua origem até a atualidade.

No terceiro capítulo, faz-se uma análise do processo de êxodo rural e o crescimento urbano de Arara, buscando-se entender os fatores que influenciaram o processo de êxodo rural e o surgimento de duas novas ruas na periferia do município, bem como os seus reflexos sócioespaciais. Por último, discute-se as conclusões da pesquisa em consonância com os objetivos e os questionamentos levantados.

1 DINÂMICA POPULACIONAL E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO

As discussões sobre a dinâmica populacional e o processo de urbanização, vêm ganhando grandes proporções na atualidade. Porém, hoje se vê a necessidade de não refletir sobre tal problemática isoladamente, mas no contexto da relação campo/cidade e das questões agrárias que estão presentes no campo, mas que afetam diretamente a cidade. Diante disso, é impossível falar do processo de urbanização sem relacioná-lo com os estudos agrários e demográficos, sobretudo, no que se refere aos conflitos no campo e, aos deslocamentos populacionais, que contribuem enormemente para a expansão do espaço urbano.

1.1 Problemática das migrações populacionais no espaço mundial

Os primeiros movimentos migratórios que se tem conhecimento ocorrem desde a Pré-História (ITO, 2009, p.11), através das populações nômades. Estas se deslocavam de um ponto a outro, não por qualquer motivo insignificante, mas sim a procura de alimentos. Quando um alimento se esgotava, costumava-se ir à outra localidade a sua procura. Quando a escassez ocorria nesta região de emigração, repetia-se o mesmo procedimento e vice-versa.

Contudo, é a partir do século XVIII, período em que se têm como principais acontecimentos históricos a Primeira Revolução Industrial na Inglaterra e, posteriormente, em outros países desenvolvidos, que as pessoas passam a migrar não mais por questões alimentícias, mas sim a procura de melhores condições de vida na cidade. Condições estas que não eram mais satisfatórias no campo, devido à modernização ou a própria organização da estrutura fundiária deste espaço.

De acordo com Santos (2008, p. 14) a

[...] Revolução Industrial se apresentou como um novo ponto de partida para a urbanização no mundo e, se ela deu origem a uma presença humana cada vez mais importante nas cidades, também contribuiu para a multiplicação do número de aglomerações gigantescas que, dentro de seus limites, concentram muitos milhões de habitantes.

Essas melhores condições, consideradas de ordem psicológica (SANTOS, 2008, p.24), criavam nos indivíduos, uma noção de que morar na cidade era o ideal, pois lá teriam emprego e qualidade de vida. Entretanto, não foi bem o que todos

esperavam de fato. Enquanto uma parte dos migrantes conseguiu se estruturar na cidade, outra parte considerável teve suas já precárias condições de vida, ainda mais agravadas, chegando a ocupar áreas impróprias para habitação e a exercer trabalhos informais, serem vítimas do desemprego, subemprego e, até mesmo, mergulhar na marginalidade.

Todavia, é preciso ressaltar, que as pessoas migravam do campo para a cidade, não somente pela ausência de melhores condições de vida, mas também por conta de conflitos ali existentes motivados pelas relações de exploração no trabalho e por estrutura fundiária injusta que geraram todo tipo de violência. De acordo com Mar *apud* Santos (2008, p. 38) “As estruturas agrárias são por si mesmas um fator de repulsão, por causa do sistema de latifúndio na América Latina.” Estas estruturas latifundiárias, formadas a partir do processo de colonização da América, fazem com que o homem do campo entre em conflito com os grandes proprietários de terras, por diversos motivos.

Devido à má distribuição de terras, por exemplo, o camponês não tem espaço para produzir e, se consegue, tem que competir com a agricultura empresarial, coisa que não é fácil, pelo pouco capital que possui e a sua pequena propriedade. Além disso, como o camponês não pode competir com o latifundiário, devido aos fatores supramencionados acima, só lhe resta duas opções: sair do campo (querendo ou não, vender a sua terra e procurar melhores condições na cidade) ou ficar neste (para servir de mão de obra latifundiária, mesmo sabendo que irá receber em troca dos seus serviços prestados, baixa remuneração).

Um problema que não é considerado recente, segundo Oliveira (1999, p. 11), são os conflitos relacionados à propriedade rural, como no caso do Brasil, que “são frutos do processo de ocupação e desenvolvimento, que foram vivenciados inicialmente pelos índios no contato com os colonizadores que chegaram até aqui.”

Outro problema mais recente no mundo moderno seria a questão da violência no campo, que ultimamente, vem ganhando espaço nas pequenas e médias cidades, que apresentam poucos investimentos em políticas públicas voltadas as comunidades rurais (SANTOS, 2008). Ainda sobre o problema da violência Souza (2003) questiona quantas as pessoas que largaram tudo que tinham, desde os seus bens materiais, até mesmo os seus hábitos culturais adquiridos no campo, só por conta da violência? Esta, que é discutida amplamente, como um problema típico das

grandes, médias e pequenas cidades, também se manifesta no campo (SOUZA, 2003).

Como se não bastasse às intempéries citadas acima, as guerras também contribuíram para a ocorrência das migrações, sobretudo, no crescimento das cidades. Conforme Santos (2008): “As guerras fizeram com que as cidades da Ásia se expandissem. Como foi o caso da China nos anos de 1920, quando os chamados Senhores da Guerra, forçaram as populações rurais, a se abrigar nas cidades.” Nessa época, as cidades eram consideradas mais “seguras”, se comparado ao campo, até mesmo pela burguesia, que com o passar dos tempos, devido à expansão urbana, também passou a se alojar por esse espaço.

As migrações relacionadas a questões étnicas também podem contribuir para o crescimento das cidades, quando um grupo exerce maior influência sobre o outro, que já ocupa certo espaço há um bom tempo, mas depois o perde e se direciona para outra localidade, devido a sua baixa supremacia, como ocorreu na África do Sul, entre as décadas de 40 e 90, e nos EUA, na década de 60, durante o *Apartheid* (SANTOS, 2008).

Por fim, no Brasil novas formas de violência, antes mais associadas aos centros urbanos, mas especificamente aos grandes centros também se voltam para o campo. Isso porque é um lugar que ultimamente vem sendo palco da “ausência do estado, na garantia dos direitos territoriais” (FELICIANO, 2015, p. 3). Diante dessa situação, o campo vai se despovoando. Pois os poucos moradores que habitam sobre este, tornam-se reféns da violência e da própria onda de furtos, que infelizmente, vem ganhando grandes proporções, na atualidade.

1. 2 Migrações no espaço brasileiro

Os movimentos migratórios do espaço brasileiro ao longo de sua formação vão expressar as características de cada momento, mas também as condições políticas e econômicas de cada lugar em intervalos específicos de tempo. Desta forma, podem-se identificar movimentos migratórios por razões muito semelhantes, ao que foi anteriormente descrito, sobre as que ocorreram em nível mundial, mas também, por questões específicas ao território brasileiro. Essas se materializaram, no Brasil, durante dois momentos importantes: primeiro, através das migrações internacionais e, segundo através das migrações internas.

1. 2.1 Migrações Internacionais para o Brasil

Associadas à procura de melhores condições de vida, as primeiras migrações para o Brasil originam-se em meados do século XIX, sobretudo, “a partir da década de 1880” (FAUSTO, 2013, p.174) com base nos interesses da elite e do Estado como tentativa de diversificar a economia brasileira. Diante disso, várias pessoas de diferentes nacionalidades, como os portugueses, alemães, italianos e japoneses, em especial, foram estimuladas a virem para o Brasil, com intuito de substituírem, aos poucos, a mão de obra escrava existente.

Os portugueses, por exemplo, mesmo já estando sobre o território brasileiro desde o período Colonial, chegaram ao Brasil, em grandes proporções, a partir do início do século XX, não mais como colonizador, mas como imigrante. Estes, mesmo não tendo contribuído imensamente, se comparado aos italianos, nas lavouras de café, não deixaram de dar as suas contribuições como mão de obra na região Sudeste e Centro-Oeste do país. De acordo com Fausto (op cit 2013, p. 241) o “[...] Censo de 1920, por exemplo, contou com 172.338 portugueses residentes no Distrito Federal e 167.198 no Estado de São Paulo.”

Contudo, diferentemente dos portugueses, os alemães preferiram se estabelecer mais na região Sul do país, em especial, no Estado do Rio Grande do Sul. Entre 1824 e 1870, muito antes do grande fluxo migratório dos portugueses para o Brasil, os alemães representavam 93,5% dos imigrantes recebidos no Rio Grande do Sul. Estes, com o passar do tempo, se destacaram em diversas atividades, entre elas: na criação de porcos, de galinhas, vacas e no cultivo de verduras, no desenvolvimento da indústria de banha e de cerveja, entre outras (FAUSTO, 2013).

Tais atividades são um pouco parecidas com as que foram seguidas pelos imigrantes italianos nesse mesmo Estado, com exceção do cultivo da uva e da produção de vinho. Além de se estabelecerem no Sul do país, os Italianos também migraram do seu país de origem, para as regiões Sul e Sudeste do Brasil, por diversos motivos, entre eles: as crises econômicas que assolavam os países europeus, ocorridas em meados do século XIX, as oportunidades de trabalho, e as várias facilidades oferecidas por parte do governo brasileiro para se estabelecerem no Sul, como a compra da passagem e a estadia.

Neste período, a imigração para São Paulo, de qualquer procedência, saltou de 6.500 pessoas em 1885, para 91.826 em 1888. Só neste último ano, os italianos constituíam quase 90% do total. Um dado bem próximo, se comparado a vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil, no início do século XX, que obteve 87,3% de representatividade no Estado de São Paulo. Mesmo estando em baixa o volume de imigrações de outras nacionalidades, na época (FAUSTO, 2003).

1.2.2 Migrações internas no Brasil

Em momentos distintos da formação territorial brasileira as transformações que foram ocorrendo, de ordem política ou socioeconômica, impulsionaram as migrações internas. Inferidas em decorrência das migrações internacionais para o Brasil, começaram a surgir também, ao mesmo tempo dessas, as chamadas migrações internas. Estas eram motivadas por várias razões, entre elas devido aos ciclos econômicos, do ouro e da borracha, a atividade industrial, as ocorrências de secas, ao trabalho agrícola, a religiosidade entre outros.

Entre os mais diversos movimentos migratórios internos, ocorridos no território brasileiro, destaca-se inicialmente o ciclo do ouro, que esteve presente no estado de Minas Gerais, no século XVIII. Este fato, fez com que várias pessoas migrassem de “diversas partes do Brasil” (FAUSTO, 2013, p. 89) - como os paulistas, por exemplo, na tentativa de quem sabe melhorar de vida, de uma hora para outra. Como a atração populacional foi muito grande, devido à descoberta de uma enorme concentração de jazidas de ouro, aos poucos foram se estabelecendo moradias, e alimentos passaram a ser produzidos, para atender as necessidades locais da nova população, que ali se instalava.

Após o declínio do ciclo do ouro e o advento do ciclo da borracha, no final do século XIX e início do século XX, as pessoas passam a migrar para o norte do país, mais especificamente, para o Acre. Nessa época, entre 1880 e 1910, vivia-se o desenvolvimento da indústria, e veículos como o carro e a bicicleta, necessitavam de pneus, que só eram feitos a partir látex extraído da Seringueira, árvore bastante presente no Norte do país. Esta atividade fez crescer duas cidades importantes nesta região, Manaus e Belém. Mas por outro lado, trouxe também diversos impactos negativos “[...] a partir da decadência da extração e do comércio da borracha” (SANTOS, 2013, p.28), cuja produção declinou.

Devido à concorrência dos seringais transportados para a Malásia pelos ingleses, concomitantemente ao ciclo da borracha, a produção cafeeira teve significativa importância, declinando-se também após a crise de 1929. Contudo, criou as bases da indústria brasileira. Essas atividades mudaram o rumo das migrações no Brasil, ao ponto de direcionar as pessoas para o Sul e Sudeste do país. Nessas áreas, além de se ter uma infra-estrutura melhor em serviços e moradias para as pessoas, fruto do café, também existia em grande escala muitas oportunidades de trabalho.

[...] a partir dos anos de 1930 os fluxos migratórios internos aceleraram-se e assumiram volumes e direções crescentes a favor da região Sudeste, como resultado da industrialização combinada ao incremento da urbanização, notadamente no eixo Rio/São Paulo (FARIA; 1983; CANO; 1985 *apud* MATOS, 2012, p. 13).

No que refere aos deslocamentos internos relacionados à figura do bóia-fria ou das populações agrícolas, à “urbanização, os progressos sanitários e as melhorias no padrão de vida” (SANTOS, 2013, p. 33), bem como a modernização no campo, contribuíram para que as populações rurais, que trabalhavam e moravam no campo, passassem a se estabelecer na cidade. Ao chegarem à cidade, muitos bóias-frias não tiveram boas oportunidades de emprego e, nem muito menos, qualidade de vida. Com isso, ainda continuaram a depender do trabalho agrícola, porém de forma sazonal.

Ou seja, essas pessoas mesmo morando na cidade, ainda mantinham relações de trabalho com o campo, nos períodos de safra e entressafra, como ocorreu no Brasil em “1960 e 1980, quando a população agrícola passou dos 15.454.526 para 21.163.729 [...]” (SANTOS, 2013, p. 36), respectivamente. Embora o tempo tenha se passado, ainda é possível encontrar pessoas que executam atividades desse tipo, sobretudo, nas zonas canavieiras.

Além disso, a escassez de água, sobretudo, no Nordeste brasileiro, também expulsou muitos migrantes. A música de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira – “Asa Branca” - lançada na década de 1940, foi um exemplo desse processo migratório impulsionado pelas secas no Nordeste, como se percebe nos trechos a seguir: “[...] Hoje longe, muitas léguas. Numa triste solidão, espero a chuva cair de novo. Pra mim voltar pro meu Sertão” (GONZAGA & TEIXEIRA, 1947). Fragmento esse da composição, que relata muito bem as dificuldades enfrentadas por muitos

nordestinos com a estiagem e a falta d'água. Um líquido tão precioso, que era indispensável para a produção agrícola, a pecuária e, até mesmo, para a geração de empregos (MENEZES, 2008).

Além disso, o Nordeste brasileiro vivenciou e, ainda vivencia nos dias de hoje, a migração em função da religiosidade. O Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida/SP, de Padre Frei Damião, em Guarabira/PB e de Padre Ibiapina, em Solânea/PB, são comprovações disso. Neste último, por exemplo, com a morte de Padre Ibiapina, na localidade de Santa Fé – uma pessoa de forte influência religiosa – professor, advogado e padre – o lugar “[...] passou a ser um local de peregrinação de devotos, os quais em datas especiais, como o aniversário de nascimento do religioso, em agosto [...]” (REIS, 2009, p. 184).

1.3 Surgimento das primeiras cidades e o êxodo rural

As primeiras cidades que se tem conhecimento, ao longo da História, surgem devido à prática da atividade agrícola e, conseqüentemente, do comércio nas proximidades de rios. Jericó, por exemplo - considerada a cidade mais antiga da História – surgida há aproximadamente 8.000 a.C está localizada nas proximidades do rio Jordão. Além desta, não se pode deixar de destacar a cidade de Ur, na Mesopotâmia (no Iraque, atualmente) e, a de Harappa e Mohenjo-Daro, no vale do rio Indo (Paquistão), que também se desenvolveram em função dos produtos provenientes do campo (SOUZA, 2003).

As primeiras aglomerações urbanas surgiram próximas aos rios, concomitantemente, com a implantação da atividade agrícola que alimentava as populações que ali se estabeleceram. Com o passar do tempo, após a efetivação da prática agrícola, percebeu-se então, que o excedente da produção poderia ser comercializado e, os lucros, poderiam ser reorientados para outras atividades. Assim, as primeiras cidades se expandem, em volume populacional, devido ao crescimento natural e a atração exercida sobre os migrantes, que vinham até ela, em comprimento, passando a serem maiores, em suas formas, não se limitando apenas a estética arredondada, como se restringiu a cidade de Ur e, em suas estruturas, tornando-as mais complexas.

Embora as primeiras cidades, tenham surgido há aproximadamente 8.000 a.C, o processo de urbanização entendido como crescimento das cidades

proveniente de uma massa trabalhadora que é expulsa do campo e busca as cidades fazendo com que a população dessas cresça a um ritmo muito mais acelerado que a população rural, só ocorre a partir do século XVIII, com a Revolução Industrial (SOUZA, 2003, p.46).

Com a chegada da Revolução Industrial nos países desenvolvidos, acompanhada da modernização tecno-científica, amplia-se gradualmente as primeiras taxas de urbanização no mundo. As populações do campo passam a migrar em direção às cidades, a procura de melhores condições de vida e trabalho. Como se percebe nos dados expressos por Jones *apud* Santos (2008, p. 13-14):

Em 1800, 27,4 milhões de pessoas viviam em cidades de mais de cinco mil habitantes; em 1850, eram 74,9 milhões; 218,7 milhões em 1900; e 716,7 milhões em 1950, respectivamente, 3, 6, 4, 13,6 e 29,8% da população mundial.

Nos países subdesenvolvidos, a exemplo do Brasil, mesmo havendo cidades que se instalaram próximas ao Litoral do país, desde o Brasil - Colônia, motivadas pelo desenvolvimento da agricultura de exportação e algumas cidades encravadas no interior do território com a exploração mineral (SANTOS, 2013), ainda não existia efetivamente uma urbanização brasileira, no século XVIII. As cidades eram pouco habitadas, pois grande parte das pessoas vivia e trabalhava no campo, que era o centro da atividade econômica.

A isso, frei Vicente de Salvador (*apud* FAUSTO, 2013, p. 65) chegou até a afirmar, no século XVI, que a capital da Colônia era uma:

[...] cidade esquisita, de casas sem moradores, pois os proprietários passavam mais tempo em suas roças rurais, só acudindo no tempo das festas. A população urbana contava de mecânicos que exerciam seus ofícios, de mercadores, de oficiais de justiça, de fazenda, de guerra, obrigados a residência.

Contudo, é só a partir do século XVIII, e com mais maturidade em meados do século XIX, que o país, começa a se submeter a uma nova configuração urbana (SANTOS, 2013). Isso porque as pessoas, aos poucos, passaram a viver nas cidades devido às novas oportunidades de moradia e de trabalho que essas ofereciam, durante a segunda metade do século XX (BRAGA & SANTOS, 2010, p. 6).

A partir de 1950, o Brasil saiu de um patamar em que a sua população era predominantemente rural, para urbana. Diante disso, para se ter uma noção mais precisa, em

[...] 1970 a população urbana brasileira ultrapassava a população rural, 52 milhões contra 41 milhões respectivamente. Nesse período, o esgotamento de fronteira agrícola ocasionou o aumento da concentração da população em cidades de maior tamanho (MATOS, 2012, p. 14).

Entre as explicações que justificam a urbanização no espaço brasileiro, destaca-se a dependência de capitais, tecnologia e os interesses geopolíticos das potências mundiais dominantes. O fato de o Brasil ter vivenciado um processo de urbanização recente e rápido, fez com que nem todos os migrantes do campo possuísem condições dignamente necessárias, nas cidades.

2 CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA E EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE ARARA/PB

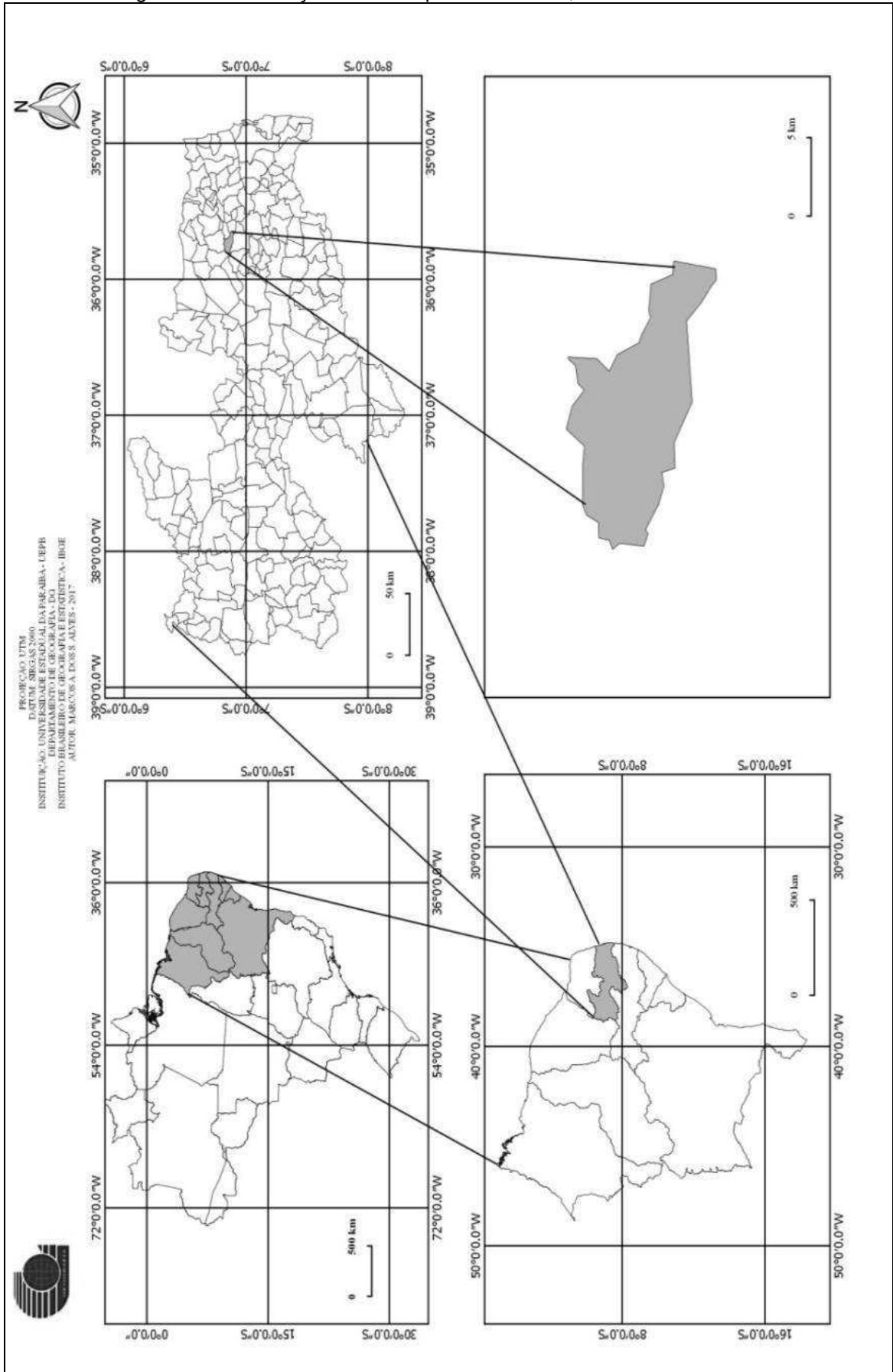
2.1 Aspectos geográficos

O levantamento de aspectos geográficos de determinada porção do espaço, é de extrema relevância não somente para auxiliar órgãos públicos e privados na execução de políticas, mas também para o reconhecimento da própria sociedade. Aqui, tal levantamento auxilia a realização de pesquisa relacionada ao objetivo de estudo. Diante disso, evidenciam-se alguns aspectos relacionados à geografia local do município de Arara/PB, espaço no qual o presente objeto de estudo se encontra inserido.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2000, 2010 e 2016), Silva *et al* (2003) e Reis (2009), o município de Arara apresenta uma extensão territorial de 99 km², 467m de altitude e uma distância de 155 km a noroeste da capital do Estado da Paraíba, João Pessoa.

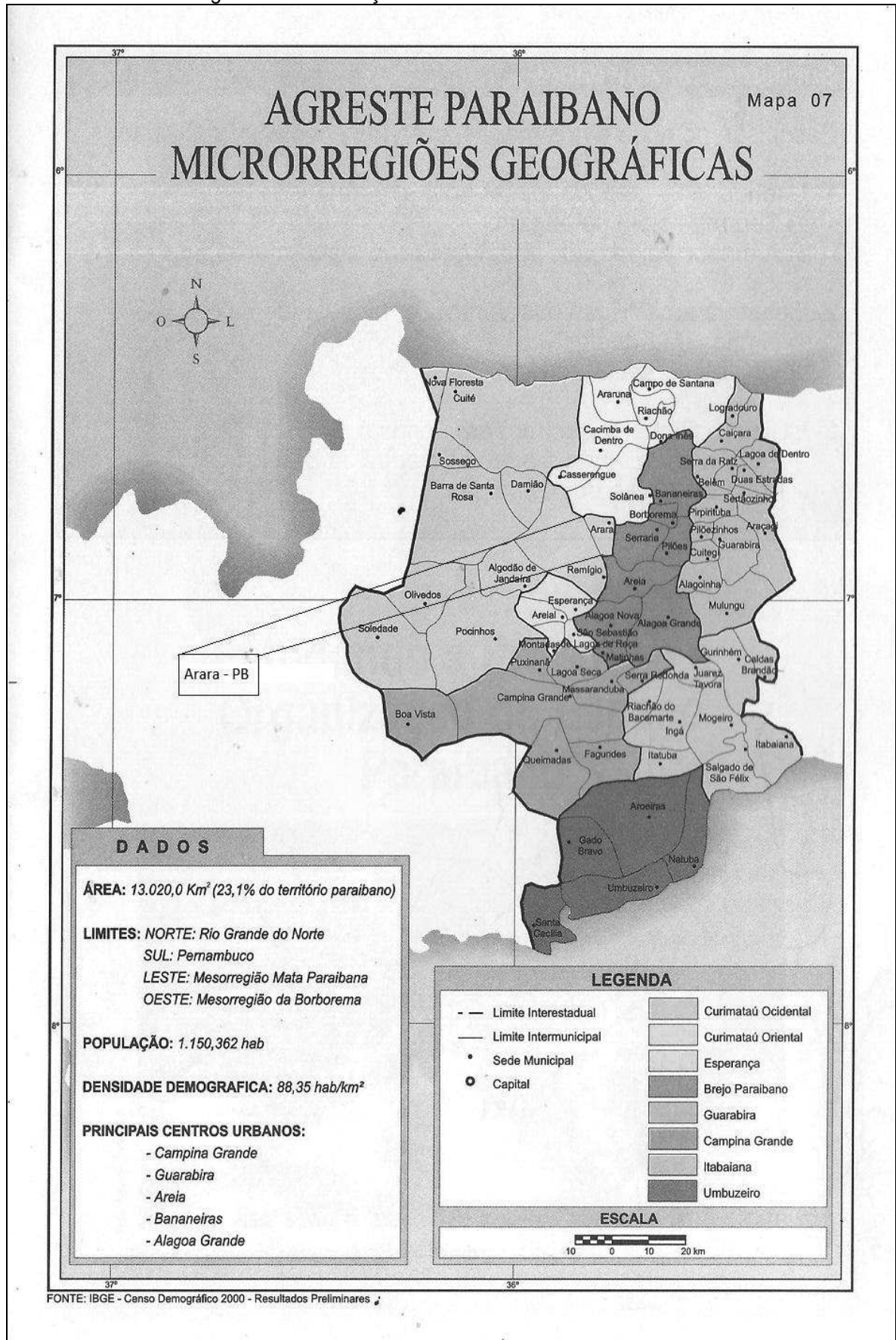
Em relação à sua localização geográfica o município está inserido na Mesorregião do Agreste Paraibano e Microrregião do Curimataú Ocidental, entre as coordenadas geográficas 6°49'40" S e 35°45'28" W (Figuras 01 e 02).

Figura 01 - Localização do município de Arara/PB, no território brasileiro.



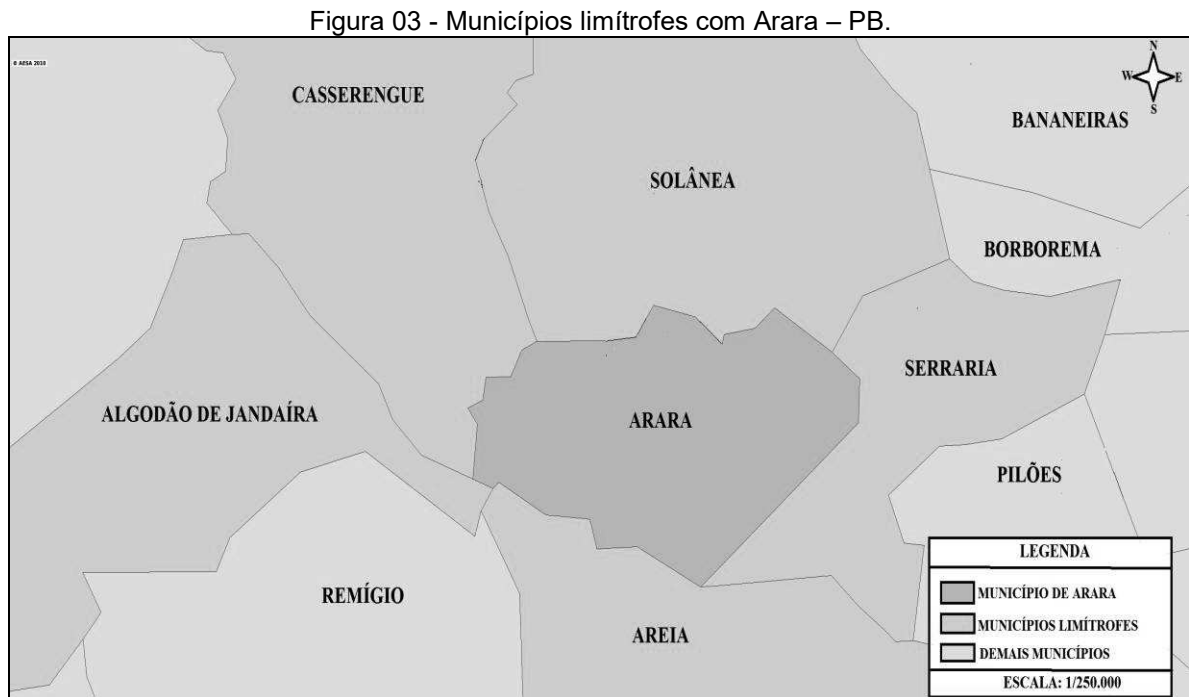
Fonte: QGIS, 2017 - (Adaptado por ALVES, M. A. dos Santos).

Figura 02 - Localização de Arara no Curimataú Ocidental.



Fonte: IBGE – Censo Demográfico, 2000 (apud Atlas Geográfico Escolar da Paraíba, 2002).

O município de Arara limita-se com seis municípios: Solânea, ao Norte, distante a 15 km da sede, Serraria ao Leste, a 21 km, Casserengue, ao Oeste, distante a 10 km do centro do município, Algodão de Jandaíra, também ao Oeste, a cerca de 45 km e, por fim, a Areia ao Sul, a cerca de 30 km (Figura 03).



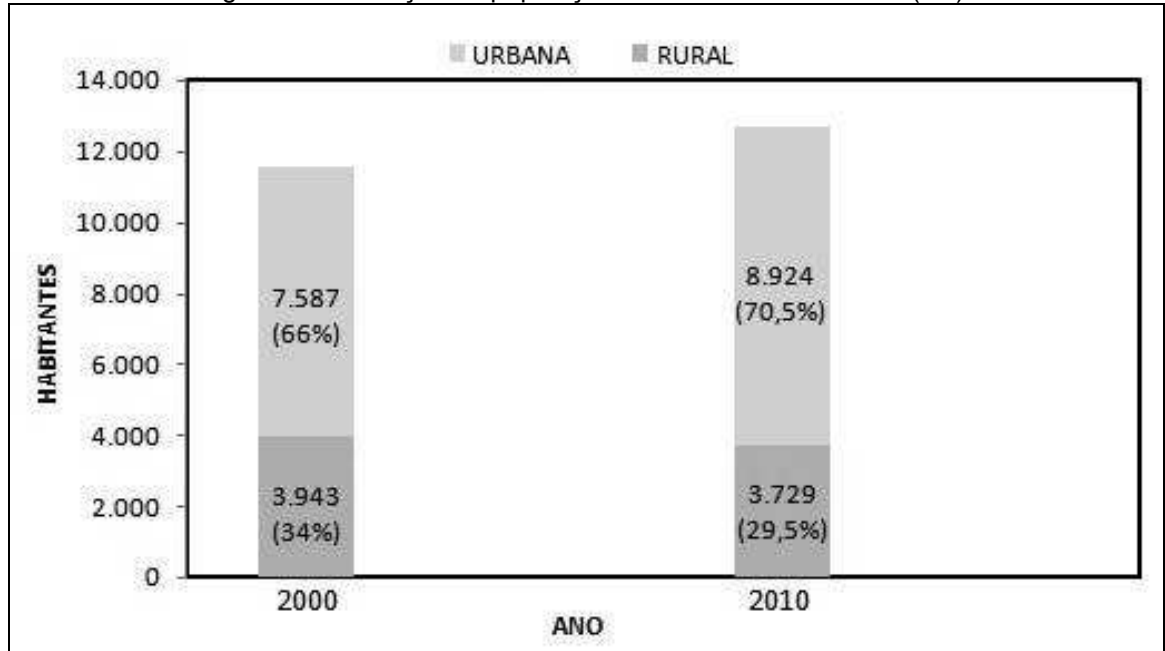
No que diz respeito ao seu espaço físico, é bem diversificada. Apresenta um clima tropical, com temperatura média anual de 23,2 °C, que é chuvoso no inverno e seco no verão, típico do Agreste nordestino. Com média pluviométrica de 796 mm anuais e chuvas de outono e inverno (PARAÍBA, 1985 *apud* SILVA *et al*, 2003, p. 13,). Os rios que drenam o município são formadores do Rio Mamanguape, que é a sua principal bacia hidrográfica, são considerados intermitentes.

Isso vai refletir na vegetação existente do município, fazendo com que essa seja hipoxerófila, mais especificamente subcaducifólica e caducifólica (REIS, 2009, p. 182), distribuídas sobre um solo raso formado por estrutura cristalina do Planalto da Borborema.

No que se refere aos aspectos demográficos, Arara tinha no ano de 2000, cerca de 11.530 habitantes. Sendo 7.587 (66%) habitantes, presentes na zona urbana, e 3.943 (34%) habitantes, na zona rural conforme está destacado na figura 03 (IBGE, 2000).

Em uma década, a população aumentou para 12.653 habitantes, sendo que 8.924 (70,5%) habitantes viviam no núcleo urbano, e 3.729 (29,5%) habitantes no campo, conforme é destacado na figura 04 (IBGE, 2010).

Figura 04 - Evolução da população urbana e rural em Arara (PB).



Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2000 e 2010.

Segundo as estimativas preliminares do IBGE em 2016, Arara chegou há um patamar de aproximadamente 13.448 habitantes, totalizando um acréscimo de 795 habitantes, se comparando ao último Censo. O que se percebe a partir dos dados do IBGE, é que a população urbana vem se expandindo mais a cada Censo, enquanto que a população rural diminui. Isso se reflete devido a vários fatores, entre eles, o “meio de vida melhor que a cidade oferece”, se comparado ao campo, em Arara (SANTOS, 2008, p. 38).

Por outro lado, mesmo a cidade sendo atrativa, percebe-se que esta ainda tem muito a evoluir, no que se refere ao quesito qualidade de vida. A cidade de Arara não possui muitos espaços voltados ao lazer, existindo apenas a praça pública. São poucos os equipamentos públicos presentes na cidade. A comarca do mesmo foi desativada e as agências bancárias, também, fazendo assim com que a população utilize os equipamentos públicos das cidades circunvizinhas. O serviço hospitalar atende casos básicos de saúde, às vezes nem isso, situações mais complexas são direcionadas para a cidade de Campina Grande.

De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano/PNUD (2010)¹, Arara apresenta um (IDH) de 0,548. Considerado baixo, se comparado às escalas de análise existentes, que variam de 0 a 1. Onde de 0,000 a 0,499, é considerado muito baixo, de 0,500 a 0,599, baixo, de 0,600 a 0,699, médio, 0,700 a 0,799, alto, e 0,800 a 1,000, muito alto.

Embora concentre a maior parte da sua população na zona urbana, a base econômica de Arara ainda é agrária. Marcada pela sazonalidade da cultura do milho, feijão, batata entre outras que são praticadas no período chuvoso. Como mostra Silva *et al* (2003, p. 31) ao afirmar que a “[...] base econômica do município é efetivamente rural, salvaguardando-se algumas pequenas indústrias de alimentação como panificadoras, fábricas de rapadura ou de pré-moldados de concreto.”

A Feira do Agricultor, que ocorre todas as sextas-feiras, ao lado da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade, evidencia o quanto a produção agrícola vem ganhando destaque no centro da cidade, atualmente. Na feira, os agricultores montam as suas “barraquinhas” e comercializa alimentos orgânicos, fruto da agricultura familiar (Figura 05).

Figura 05 - Feira do Agricultor, no centro da cidade de Arara – PB.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2018.

¹ ATLAS de Desenvolvimento Humano. 2010. In: PREFEITURA municipal de Arara, Paraíba. **Arara melhora o seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)**. 2013. Disponível em: <http://www.arara.pb.gov.br/ultimas-noticias/101-arara-melhora-o-seu-indice-de-desenvolvimento-humano-idh.html>. Acesso em: 05 mai. 2017.

A criação de gado bovino é feita de forma extensiva, principalmente no período de estiagem. Entretanto, também não se pode deixar de lado o comércio, representado pela feira pública municipal, lojas de roupa, lanchonetes, padarias, casas de materiais de construção e supermercados, que contribuem na geração de emprego e renda da população. Na cidade de Arara, existem dois principais supermercados, Mendonça, da Rede Cariri, e Martins. Além disso, duas lojas de eletrodomésticos, sendo Geny Eletromóveis, a mais requisitada.

2.2 Aspectos históricos

Discutir sobre os aspectos históricos de determinada porção do espaço geográfico, não é simplesmente narrar os fatos que foram transcorridos sobre a superfície terrestre, dentro de um intervalo cronológico do tempo. Mas antes de tudo, o ato de resgatar o que foi vivido por um povo, os acontecimentos e as suas ações, que repercutiram não somente para a efetivação do ontem, mas também do hoje.

A toponímia, deve-se ao fato de no passado haver muitas araras (aves da família das Psittaciformes) sobre as Baraúnas, que se localizavam no local onde hoje está a sede do município (SILVA, 2017).

A história de Arara começa a ser construída na segunda metade do século XIX, ainda quando a mesma se restringia a uma vasta floresta repleta de Baraúnas e Araras, tendo os tropeiros como personagens principais. Esses no decorrer das suas viagens na procura de vender produtos (farinha, rapadura e outros alimentos de primeira necessidade) entre o Litoral e o Sertão, sempre passavam pelo território ararense e descansavam um pouco em meio a sombra das árvores ali existentes.

Entre um descanso e outro, os tropeiros costumavam vender alguns produtos como a farinha e a rapadura, às pessoas que por ali trafegavam (SILVA, 2017). Com passar dos tempos, a comercialização dessas mercadorias passa a crescer gradativamente, ao ponto de atrair pessoas de outras localidades para consumi-las e, conseqüentemente, construírem um povoado com a presença de algumas moradias. Como argumenta Silva (2017, s/p)

Aos poucos, este local tornou-se ponto de encontro e de comércio entre os tropeiros viajantes que demandavam do Brejo ou da região do Curimataú onde faziam suas compras de carne de sol, farinha de mandioca e rapadura, alimentos de primeira necessidade negociados entre os sertanejos e brejeiros naquela área [...].

De um simples povoado, que tinha como potencialidade o comércio, surge outra atividade com o passar dos tempos: a exploração de jazidas de calcário. Uma atividade voltada às potencialidades naturais do lugar, muito praticada pela figura do Major Antônio José da Cunha. Esse, que servia a Guarda Nacional como Capitão e era dono do Engenho Porções em Areia - PB, assim como das terras onde se situava o povoado de Arara, contribuiu muito para o crescimento do referido povoado.

O Major Antônio José da Cunha foi responsável por dar início à construção da Igreja de Nossa Senhora da Piedade (Igreja Matriz do município, atualmente), do primeiro cemitério (localizado próximo a igreja matriz) entre outras contribuições (Figura 06).

Figura 06 - Igreja Matriz de Nossa Senhora da Piedade, em Arara (PB).



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2018.

Entretanto, não teve a oportunidade de dar continuidade ao crescimento do povoado de Arara, por ter falecido em 1881.

Aos seus 94 anos de idade, mais precisamente em 29 de outubro de 1881, veio a óbito o Major Antônio José da Cunha, sendo sepultado no cemitério junto à igreja de Nossa Senhora da Piedade, Igreja esta que começou a ser construída por ele mesmo e, foi findada por Pe. Ibiapina. Entretanto, como revelam populares, os restos mortais do mesmo não ficaram por muito tempo ali. Outrora foi transferido para o cemitério público municipal, depois da sua construção (MARIZ *apud* CARVALHO, 2015).

Com a morte do Major Antônio José da Cunha, as terras que configuravam geograficamente o povoado de Arara e o Engenho de Porções, em Areia-PB, foram herdadas por sua esposa, Dona Cândida de Americana Hermógenes de Miranda Cunha. Essa, de posse das terras herdadas, não investiu tanto no povoado de Arara quanto o seu esposo falecido. Contudo, ao conhecer Padre Ibiapina, doou as terras ao mesmo para que pudesse administrá-las e investir no desenvolvimento do povoado de Arara.

De posse dessas terras, o missionário Padre-Mestre Ibiapina fundou a Igreja matriz municipal, antes iniciada pelo Major Antônio da Cunha, construiu uma Casa de Caridade, auxiliou na formação profissional de alguns habitantes do povoado de Arara e de Santa Fé (localidade próxima ao atual município) entre outras contribuições. Contudo, veio a óbito em 19 de fevereiro de 1883 e não pode dar continuidade nas melhorias do lugar para a população local. Em 1961, através da Lei Estadual nº 2602 que foi publicada em 01/12/1961 (IBGE), o povoado de Arara (que começou a se formar na segunda metade do século XIX) elevou-se a categoria de município (Figuras 07, 08, 09 e 10).

Figura 07 - Vista panorâmica do município de Arara (PB), em 1971.



SILVA, Antônio Gregório da, 2010. Disponível em:
http://ararahoje.blogspot.com.br/2010/08/arara-vista-por-outros-angulos-aqui_26.html.
Acesso em: 19 jun. 2017

Figura 08 - Vista panorâmica do município de Arara (PB), em 2010.



SILVA, Antônio Gregório da, 2010. Disponível em: http://ararahoje.blogspot.com.br/2010/08/arara-vista-por-outros-angulos-aqui_26.html. Acesso em: 19 jun. 2017.

Figura 09 - Vista da rua Hermes Lira, no centro de Arara.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2018.

Figura 10 - Praça central, localizada nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora da Piedade.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2018.

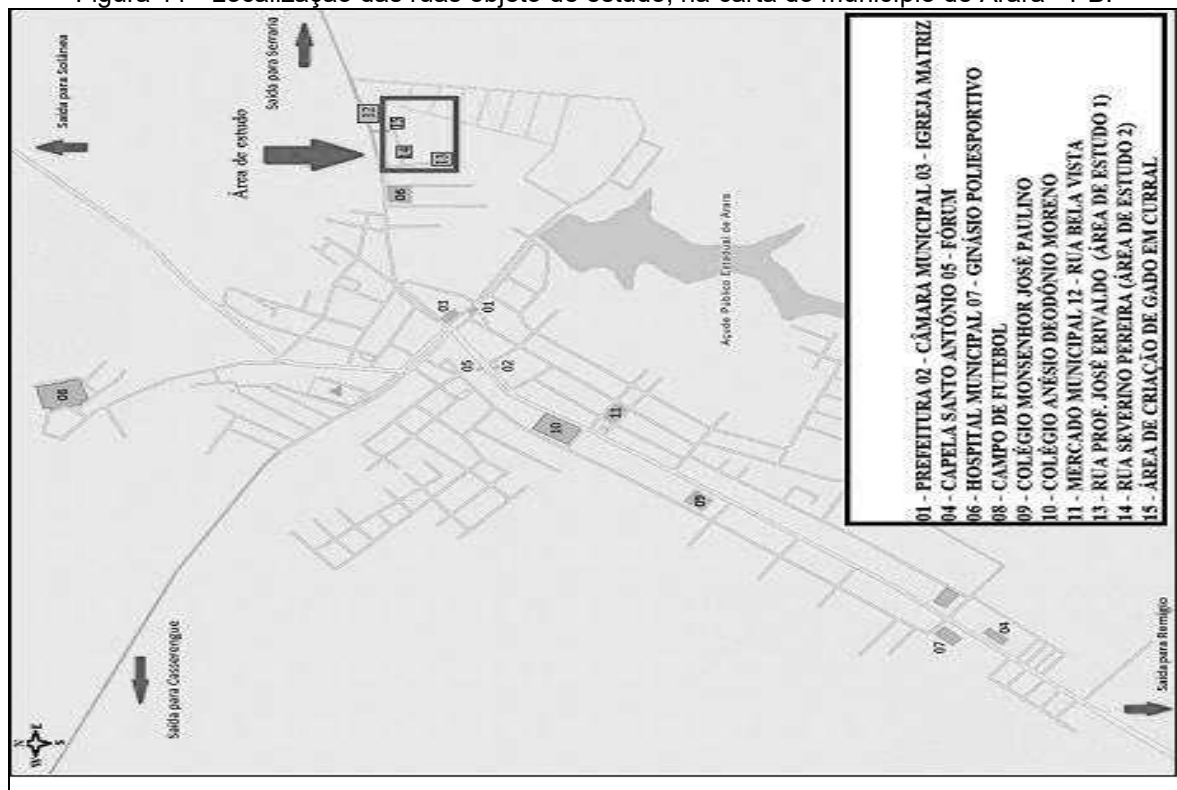
Como se percebe nas Figuras de 07 a 10, o município mudou muito após a publicação da Lei Estadual nº 2602 de 01/12/1961 (Lei que reconhece o até então povoado de Arara como município). No que se refere ao número de habitantes e residências, conseqüência de um processo migratório do campo para a cidade. Em relação aos serviços prestados à sociedade e aos problemas ambientais existentes, a incapacidade dos gestores do município de executar políticas públicas e a ineficácia política de planejamento urbano, que tem se agravado conforme aumenta a demanda populacional para a sede do município.

3 PRODUÇÃO DO ESPAÇO DO MIGRANTE E A (RE)CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE NA CIDADE DE ARARA-PB

3.1 Pesquisa de campo

Após as discussões desenvolvidas nos dois primeiros capítulos, chega-se ao objeto de estudo desta pesquisa, que são as ruas professor José Erivaldo de Lima Silva e Severino Pereira da Silva (Figura 11), as quais estão localizadas no município de Arara – PB na Microrregião do Curimataú Ocidental (IBGE, 2010).

Figura 11 - Localização das ruas objeto de estudo, na carta do município de Arara - PB.



Fonte: Wikipédia, 2017 - (Adaptado por ALVES, M. A. dos Santos).

A pesquisa de campo teve início no segundo semestre de 2017, na qual se procurou identificar o perfil da população residente nas ruas supramencionadas, através das seguintes variáveis: origem das pessoas; tempo em que habitam nas ruas supracitadas; tipo de domicílio (próprio, alugado ou de familiares); fatores que motivaram a migração para a área de estudo; faixa etária, nível de escolaridade, tipo de atividade econômica que desenvolvem e o nível médio de renda das famílias (Figuras 12, 13 e 14).

Figura 12 - Ruas objeto de estudo: Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva



Fonte: Google Maps, 2017 – (Adaptado por ALVES, M. A. dos Santos).

Figura 13 - Rua Severino Pereira da Silva.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2018.

Figura 14 - Rua Professor José Erivaldo de Lima Silva



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2018.

As duas ruas são habitadas por um universo de aproximadamente 90 pessoas, sendo que dessas, 85 habitantes (distribuídos entre 30 famílias) formaram a amostragem da pesquisa. Dentre toda amostragem, apenas 59 habitantes participaram da entrevista e responderam ao questionário, por serem os principais membros mantenedores de cada unidade familiar. O restante que era formado por jovens com idade entre 0 e 19 anos, não participaram por serem dependentes dos seus pais ou compartilhar a mesma história com mesmos. A aplicação do questionário e a realização de entrevistas foram os instrumentos mais apropriados para o levantamento do estudo em questão, que se desenvolveu dentro de uma abordagem qualitativa e quantitativa.

Após a coleta dos dados através dos referidos instrumentos, como forma de facilitar a exposição das informações obtidas na pesquisa, dividiu-se os dados em dois grupos: um que trata sobre as questões socioeconômicas, com caráter quantitativo (Tópico 3.2), obtidas através da aplicação de questionário. E outro que trata sobre a opinião ou subjetividade das pessoas (Tópico 3.3), tendo como

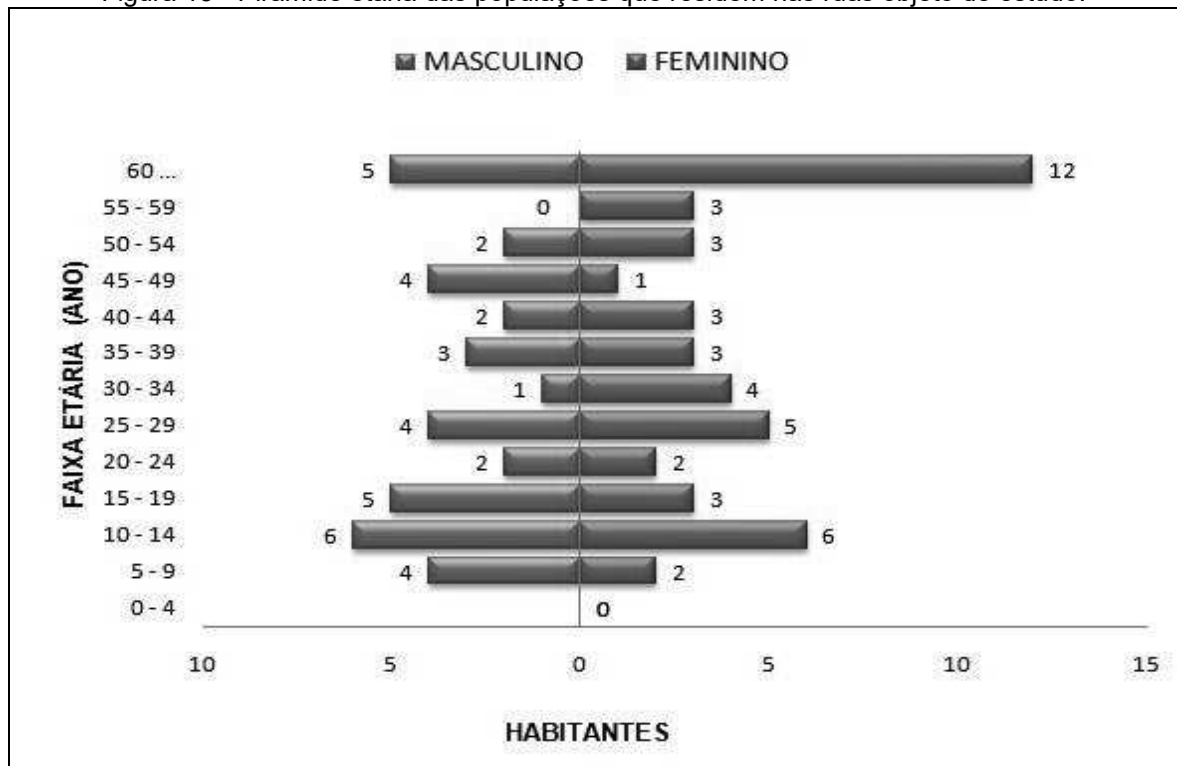
destaque o surgimento de novas ruas no município de Arara, a origem das pessoas que residem nessas novas ruas entre outros pontos, com caráter qualitativo.

3.2 Características socioeconômicas das populações das ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva

3.2.1 Pirâmide etária

A pirâmide etária é um gráfico que representa a estrutura da população por idade e sexo. Mas especificamente a estrutura interna da população, no que tange a sua distribuição quanto à idade, sexo, profissão e grau de instrução. Com a finalidade de melhor compreender o seu comportamento, bem como obter informações básicas para o planejamento socioeconômico e administrativo (ATLAS ESCOLAR DA PARAÍBA, 2002). Desse modo, para se ter um perfil das pessoas que fazem parte das ruas objeto de estudo, é necessário que se faça uma leitura da pirâmide etária (Figura 15).

Figura 15 - Pirâmide etária das populações que residem nas ruas objeto de estudo.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2017 – (Pesquisa de Campo).

De acordo com a representação gráfica da amostragem extraída dos 85 habitantes da área de estudo, pode-se observar que a distribuição da população por sexo na base (composta por jovens com idade entre 0 e 19 anos) apresenta-se desequilibrada com maior percentual de homens (15) em relação às mulheres (11).

Outro dado importante que pode ser visto, é a redução da taxa de natalidade na base pirâmide, que é representado pelos habitantes (tanto do sexo masculino como do feminino) com idade entre 0 e 19 anos. De um total de 26 habitantes, observa-se que o número de jovens entre 0 e 4 anos de idade, é nulo. Por outro lado, existe cerca de 18 jovens com idade entre 5 e 14 anos, sendo 10 homens para 8 mulheres. Além disso, com um número reduzido, cerca de 8 jovens com idade entre 15 e 19 anos, sendo 5 homens e 3 mulheres.

Diante disso, observa-se que a redução do número de jovens moradores das ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, que compõem a base da pirâmide, se aproxima das estimativas brasileiras. Estas, destacam que o maior acesso à educação básica e outros fatores, possibilitará uma redução do número de jovens a “[...] partir de 2020 (grupo de 0 a 14 anos) e de 2030 (grupo de 15 a 24 anos) deverão apresentar, inclusive, taxas negativas de crescimento” (CARVALHO & WONG, 2008, p. 601).

Chama-se a atenção ainda, a população adulta entre 20 e 59 anos que representa o corpo da pirâmide. Enquanto a população jovem (entre 0 e 19 anos) na base da pirâmide apresenta um número maior de homens em relação as mulheres, no corpo da pirâmide o processo ocorre de forma contrária. Nas populações com idades entre 25 e 59 anos, percebe-se que existe em média 22 mulheres para 16 homens.

Um dado relevante, que amplia-se ainda mais com o avançar da idade e não difere da realidade nacional. Projeções brasileiras afirmam que “[...] para cada conjunto de 100 mulheres, o número de homens deverá cair, entre 2000 e 2050, de 71 para 61. Haveria, pois, em meados do século, quase duas mulheres para cada homem, entre aqueles mais idosos” (CARVALHO & WONG, 2008, p. 603).

Percebe-se que tal projeção condiz com a realidade das populações residentes nas ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, pois entre os habitantes com mais de 60 anos que compõem o topo da pirâmide, existe 12 mulheres para 5 homens.

Em outras palavras, as mulheres vivem mais do que os homens e encontra-se em maior número a partir dos 25 anos como é notável na Figura 15. Entre as razões para isso, destaca-se o fato dos homens estarem mais expostos aos riscos de trabalho, ao consumo de bebidas alcoólicas, ao menor cuidado com a saúde, e estarem mais presentes nos casos de homicídios e acidentes (VERAS, R. P. *et al*, 1987).

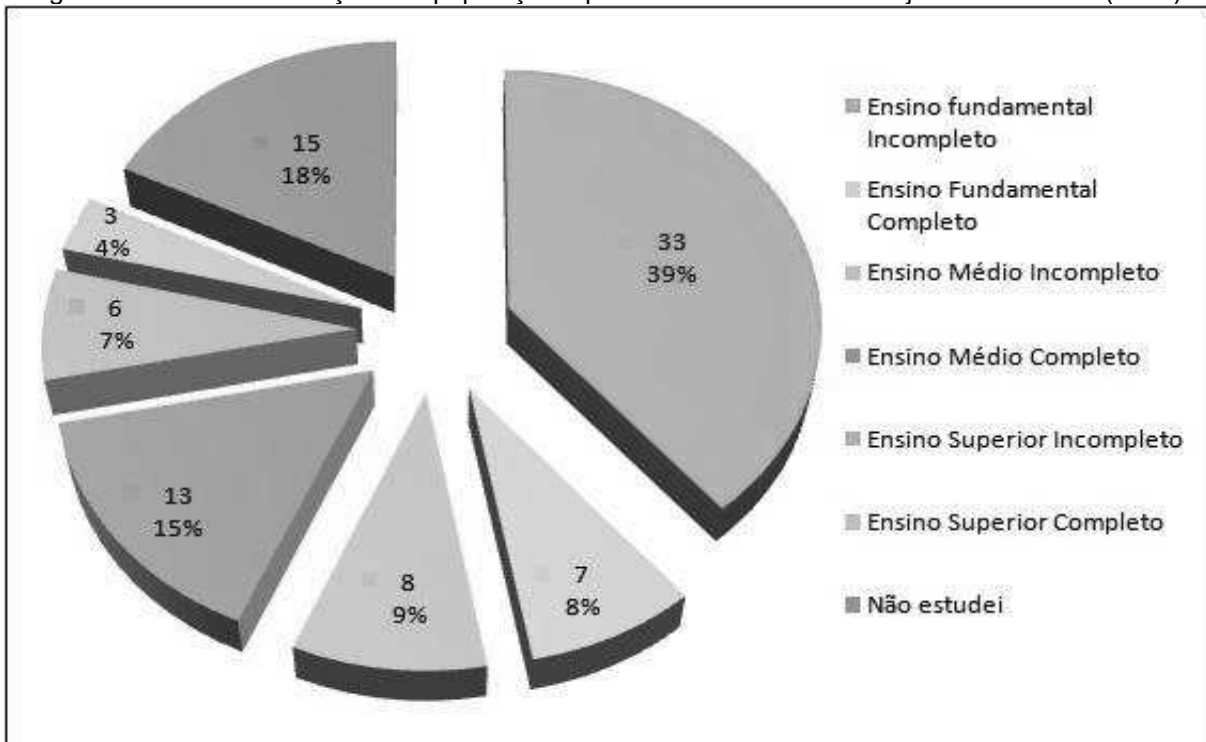
Diferentemente dos homens, as mulheres possuem um cuidado maior com a saúde, como é possível observar quanto a realização de exames de rotina, como o de mama e colo do útero, que é percebido pelas mulheres como sendo algo natural e que não afeta a sexualidade feminina diante das crenças sociais, como pensam os homens, ao fazerem o exame da próstata.

No trânsito, as mulheres temem o perigo ao dirigir e, por isso, são menores os números de acidentes envolvendo o sexo feminino, devido aos mais diversos cuidados que as mesmas possuem. Já para alguns homens, andar de carro em alta velocidade e exibir-se num trecho movimentado, não é descuidar no trânsito. Mas prova de que “sabem dirigir”, ao contrário das mulheres menos hábeis na direção, como ouve-se em diversos momentos do dia a dia.

3.2.2 Tempo de estudo

O tempo de estudo, refere-se ao grau de escolaridade de um indivíduo no decorrer da sua vida. Esse é um item indispensável para se traçar o perfil de um determinado grupo populacional, como é o caso dos habitantes que residem nas ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva (Figura 16).

Figura 16 - Grau de instrução das populações que residem nas ruas do objeto de estudo – (2017).



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2017 – (Pesquisa de Campo).

Conforme se observa na Figura 16, para os 85 habitantes (amostra composta por jovens, adultos e idosos) que integram a pesquisa, obteve-se 7 tipos de resposta. Com um total de 39% (33), apresenta-se um número elevado de habitantes que não concluíram o Ensino Fundamental.

Sendo composta por 24 adultos que desistiram do estudar (entre homens e mulheres), com idade entre 20 e acima de 60 anos, e por 9 jovens que ainda estão estudando (entre homens e mulheres) com faixa etária de 0 a 14 anos. Por outro lado, com duas realidades distintas, estão as pessoas que concluíram o Ensino Fundamental aos 14 anos, sendo representado por 8% (7) dos habitantes totais da amostra. Esta população é composta por 3 pessoas que não querem dar continuidade aos seus estudos e 4 que pretendem ir para o Ensino Médio.

Apesar de muitas pessoas acima de 15 anos não terem concluído o Ensino Fundamental quando estavam na idade certa, por diversas razões, observa-se que com o passar dos tempos as “[...] taxas de conclusão e o tempo médio de permanência nesta modalidade vem se ampliando. Passando de 55% em 1994, para 65% em 1996” (BRASIL, 1998, p.32).

Com a ampliação do tempo de permanência e conclusão do Ensino Fundamental, o número de pessoas que concluíram ou estão cursando o Ensino Médio, residente nas ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, corresponde a 24% (21). Desses, 9% (8) é representado por jovens que ainda estão cursando o Ensino Médio com faixa etária entre 15 e 19 anos e 15% (13) por habitantes que já concluíram esta mesma modalidade com idade entre 20 e 39 anos.

Quando se leva em conta as pessoas que possuem um grau de escolaridade mais elevado, ainda na mesma localidade, percebe-se que o número de habitantes que estão cursando ou terminaram o Ensino Superior se reduz à apenas 11 % (9). Sendo 7% (6) composto por pessoas que ainda estão estudando, com idade entre 20 e 35 anos, e 4% (3) por habitantes que já concluíram o Ensino Superior, com idade entre 25 e 39 anos.

Mesmo havendo uma elevação nas taxas de acesso a educação e conclusão das etapas da educação escolar (Fundamental, Médio e Superior) entre as pessoas que residem nas ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, há pessoas com idade acima de 44 anos que nunca estudaram em razão do trabalho, equivalentes a 18% (15). Um dado semelhante ao encontrado no Estado da Paraíba, atualmente, que possui taxa de analfabetismo de 16,9 % entre as populações de 15 anos ou mais (IBGE/PNAD, 2014). Um resquício do passado no presente, fruto da ausência de políticas públicas em atrair as populações mais carentes para a escola.

3.2.3 Atividade econômica

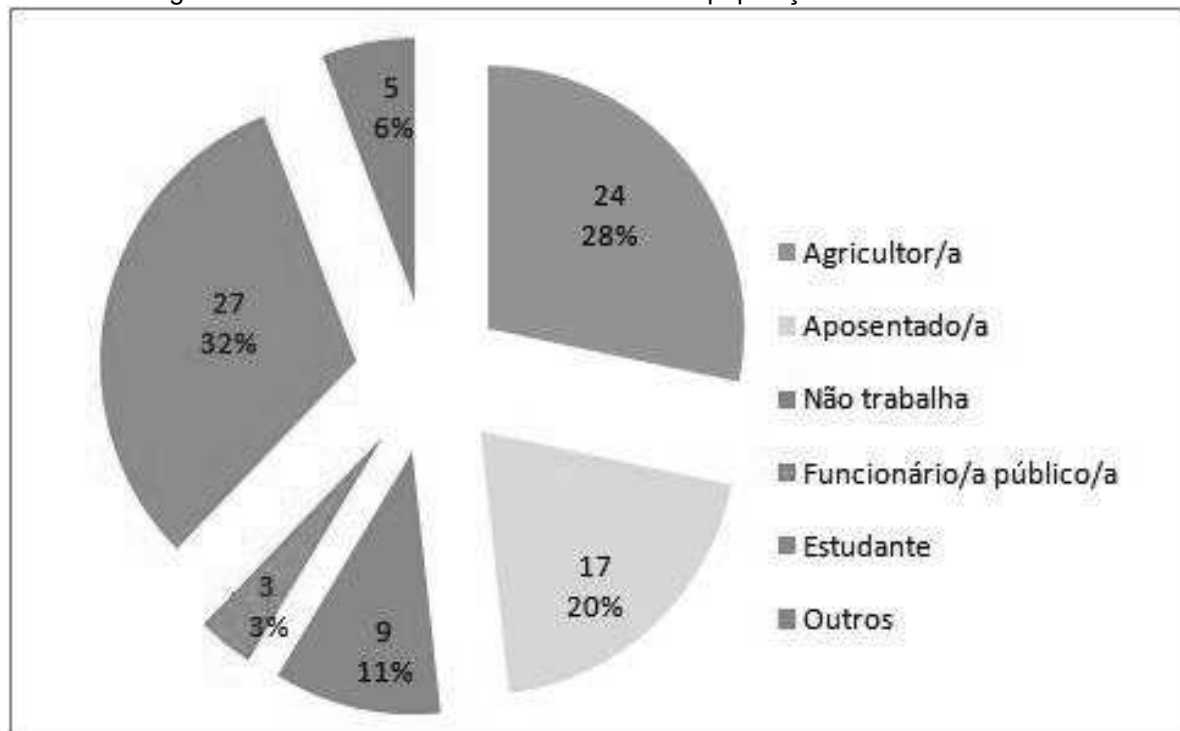
A atividade econômica diz respeito à ocupação de uma função por uma pessoa. Em outras palavras, refere-se ao trabalho desempenhado por alguém, de onde o mesmo exerce uma série de ações sobre a natureza, em busca de satisfazer a sua necessidade (SERRA, 2001). Esta quando analisada, é dividida em dois grupos: População Economicamente Ativa (PEA) e População Economicamente Inativa (PEI).

A primeira diz respeito às populações que estão em atividade ou disponíveis para trabalharem. A partir dos 16 anos, na condição de aprendiz (BRASIL, 2000) até os 65 anos, em média, como no caso do Brasil. Já a PEI, as populações que estão

fora da atividade trabalhista como os idosos aposentados, que possuem uma faixa etária superior a 65 anos, e os jovens que ainda estudam e possuem idade inferior a 16 anos.

Tomando-se como referência a PEI e PEA, obtiveram-se os seguintes resultados no estudo das atividades econômicas envolvendo os 85 habitantes das ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva (Figura 17).

Figura 17 - Atividade econômica envolvida das populações no ano de 2017.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2017 – (Pesquisa de Campo).

População Economicamente Ativa (PEA) é representada por quatro tipos de ocupação: os que são Agricultores/as, os que não trabalham, os que são Funcionários públicos e os que exercem algum tipo de profissão não regularizada, sendo neste caso representado através do item Outros.

Entre todas as populações das ruas objeto de estudo que se encontram em atividade ou disponíveis para trabalhar (entre 18 e 60 anos, se mulher, e 65 anos, se homem), destaca-se em primeiro lugar o número de agricultores que ganham entre menos e um salário mínimo em média, com cerca de 24/85 habitantes (28%). Um dado expressivo, que representa a realidade de uma população residente na cidade, e ao mesmo tempo, ocupa-se em desenvolver alguma atividade no campo. Constituindo-se assim, o que Santos (2013) denominou de população agrícola.

Por outro lado, em segundo lugar, existe na PEA alguns habitantes que, ao migrarem não somente do campo para cidade, mas também de outros núcleos urbanos, não tiveram a oportunidade de conseguir algum tipo de trabalho, mesmo estando disponíveis para exercer atividades laboriais. Estes são as populações do grupo não trabalha, que corresponde a 9/85 dos habitantes (11%). Essas populações são sustentadas pelos agricultores e aposentados/as.

Passando a vivenciar assim, um processo recente em muitas cidades, atualmente, que é a falta de oportunidades de trabalho para grande parte da população. Uma realidade que atinge com maior evidência não somente os jovens no município de Arara – PB, mas também em todo o cenário brasileiro (IBGE, 2010). Tendo-se assim, a falta de experiência e o baixo nível educacional como grandes obstáculos na vida de muitos jovens, quando procuram alguma ocupação profissional (ÁVILA; MACHADO, 2015).

Diferentemente das populações que fazem parte do funcionalismo público, os Funcionários públicos, representam 3/85 habitantes (3%) que a “grosso modo” possuem mais oportunidades na cidade e recebem mais de dois salários mínimos em média.

Por fim, existe também na População Economicamente Ativa (PEA), os habitantes que recebem ajuda do Programa do Bolsa Família e não exercem algum tipo de atividade fixa, ou reconhecida legalmente, sendo representado na figura por Outros. Estes que compoem um total de 5 habitantes (6%), para viverem em média com aproximadamente um salário mínimo, exercem atividades diversas e de cunho temporário quando surgem na cidade, como pedreiro, ajudantes de pedreiro, entre outros. É uma situação intermediária, entre os que estão desempregados e são funcionários públicos. Em outras palavras, são os trabalhadores polivantes no dizer de Becker (1990, p. 48), que representam “novos atores no mercado de trabalho, sem que sua condição represente necessariamente uma transição em direção a proletização.”

Já na População Economicamente Inativa (PEI), os dados se concentram em primeiro lugar, no grupo dos Aposentados/as que sobrevivem com um valor entre um salário mínimo e um salário mínimo e meio, em média. Em segundo lugar, no grupo dos Estudantes, que ainda se mantem dependentes dos familiares agricultores e/ou aposentados. Neste, existe cerca de 27 habitantes (32%) que se dedicam somente a vida estudantil entre as diversas etapas da educação escolar (Educação

Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior). Naquele, para os habitantes com 60 anos, se mulher, e 65 anos, se homem, cerca de 17 idosos/as (20%) que se encontram afastados/as de suas atividades por estarem aposentados/as.

Comparado-se as taxas da PEA (48%) com a PEI (52%), de uma forma geral, percebe-se que o número de pessoas que estão em atividade ou disponíveis para trabalhar (das ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva), é inferior a PEI. Isso significa dizer que mesmo existindo alguns habitantes disponíveis para trabalhar ou em atividade, o número de idosos aposentados e estudantes, apesar da pouca diferença, ainda permanece em alta.

3.2.4 Renda por família

A renda é um fator relevante para a construção do perfil socioeconômico de uma população. Ela é o valor quantitativo bruto mensal, adquirido por um indivíduo ou toda sua família, no desempenho de alguma atividade econômica. O valor bruto adquirido por uma família, através do desempenho de alguma atividade econômica, é sempre analisado a partir do número de indivíduos que compõem a unidade familiar (IBGE, 2002). Diante disso, a análise da renda das famílias que migraram para as ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, ruas objeto deste estudo, é de grande relevância para a compreensão do perfil socioeconômico destas famílias (Figura 18).

Figura 18 - Renda bruta das famílias das ruas Severino P. da Silva e Professor E. de Lima Silva.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2017 – (Pesquisa de Campo).

De acordo com as informações expressas na Figura 18, percebe-se que as rendas dessas famílias, obtidas através das funções exercidas por cada membro da unidade familiar, não apresentam tantas disparidades. Variando-se assim, entre menos de um e mais de dois salários mínimos. Desse modo, dentre um total de 30 famílias (composta por aposentados, agricultores, funcionários públicos, desempregados entre outros), observa-se 5 (cinco) realidades distintas.

A primeira realidade corresponde às unidades famílias que possuem renda inferior a um salário mínimo, 17%, que envolve cerca de 5 famílias. Nessas, totalizam 16 habitantes, que se dividindo pelo quantitativo de famílias, tem-se um número médio de 3,2 habitantes por unidade familiar. Um número reduzido de famílias que recebem menos de um salário mínimo, se comparado a média na região Nordeste, que corresponde a 37 % dos domicílios (IBGE, 2002).

As unidades familiares que possuem em média um salário mínimo são representadas por 14 famílias (47%), distribuídas por um total de 42 habitantes. Apesar de ser maior o valor numérico de famílias e o quantitativo de seus membros, o número médio de indivíduos por unidade familiar é menor, do que as que possuem menos de um salário mínimo, por apresentar em média 3 habitantes para cada unidade familiar.

Representando as famílias que recebem um salário mínimo e meio, têm-se em valor reduzido, se comparado às demais, apenas uma unidade familiar (3%) composta por 4 habitantes. Após tais observações, tem-se 7 famílias (23%) que recebem cerca de dois salários mínimos, compostas por um total de 17 habitantes. Dividindo-se o quantitativo de famílias pelo total de habitantes, têm-se em média 2,4 membros por unidade familiar. Um valor bem menor por unidade familiar até o momento, mesmo possuindo o segundo maior quantitativo de famílias (perdendo apenas para as famílias que recebem um salário mínimo).

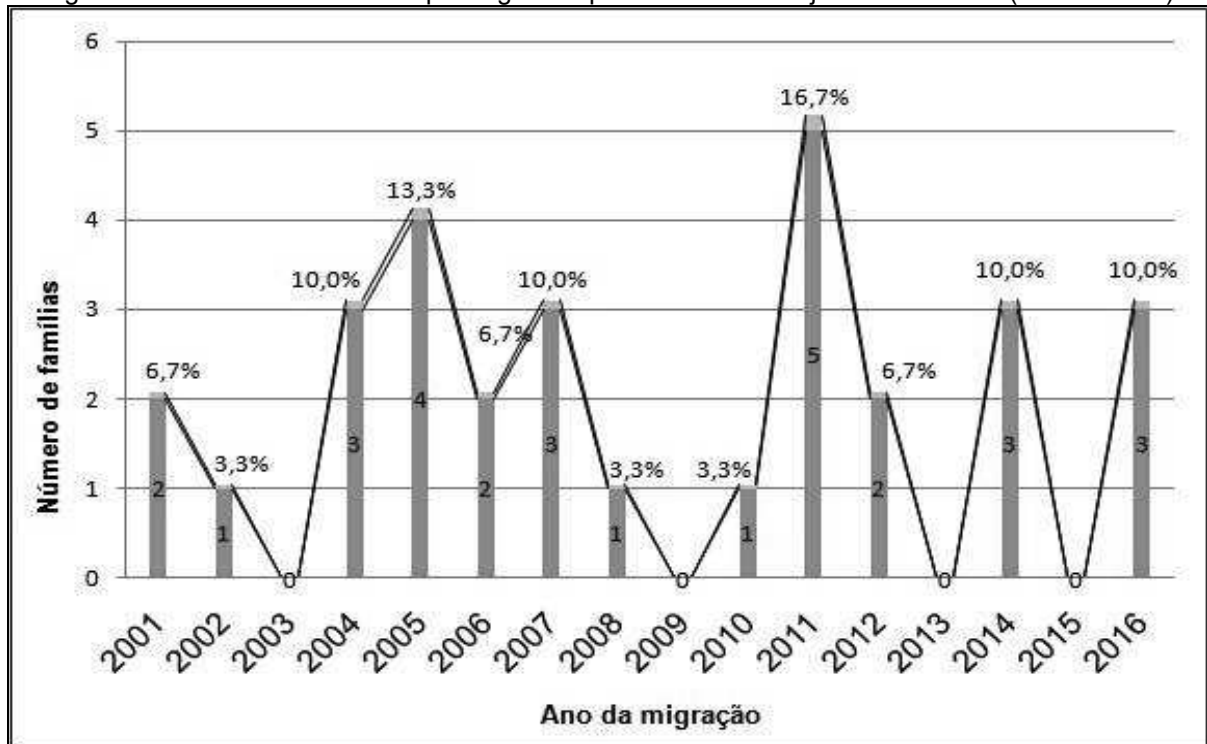
Por fim, tem-se 3 famílias (10%), que recebem acima de dois salários mínimos. Essas totalizam cerca de 6 habitantes, um valor médio de 2,0 habitantes por unidade familiar. Associando-se as rendas das famílias com o quantitativo de habitantes presentes em cada uma dessas, percebe-se que das famílias que possuem menos de um salário mínimo, até as que recebem mais de dois salários mínimos, o quantitativo de membros familiares diminui na medida em que se eleva a renda. Desse modo, a elevação da renda contribui para uma redução do número de filhos na família, como ocorreu no Nordeste (IBGE/PNADE, 2006).

3.3 Êxodo rural, ocupação urbana e o surgimento de novas ruas na cidade de Arara-PB

Com o crescimento da migração campo-cidade, sobretudo nos países subdesenvolvidos, os núcleos urbanos passam a adquirir novas feições e dimensões atualmente. Isso porque a cidade exerce certo grau de atração nas pessoas, pela idéia que nesta há uma maior oferta de serviços e melhores condições de vida para oferecer a população.

A este respeito, o município de Arara-PB não é diferente. Conforme a pesquisa descrita nos tópicos anteriores, que englobou um grupo de 85 habitantes, equivalente a 30 famílias. Constata-se que entre os anos de 2001 e 2016 surgiram duas novas ruas na sede deste município, a Rua Professor José Erivaldo de Lima Silva e Severino Pereira da Silva, em decorrência da migração campo-cidade (ver Figura 19).

Figura 19 - Número de famílias que migraram para as ruas do objeto de estudo – (2001 a 2016).



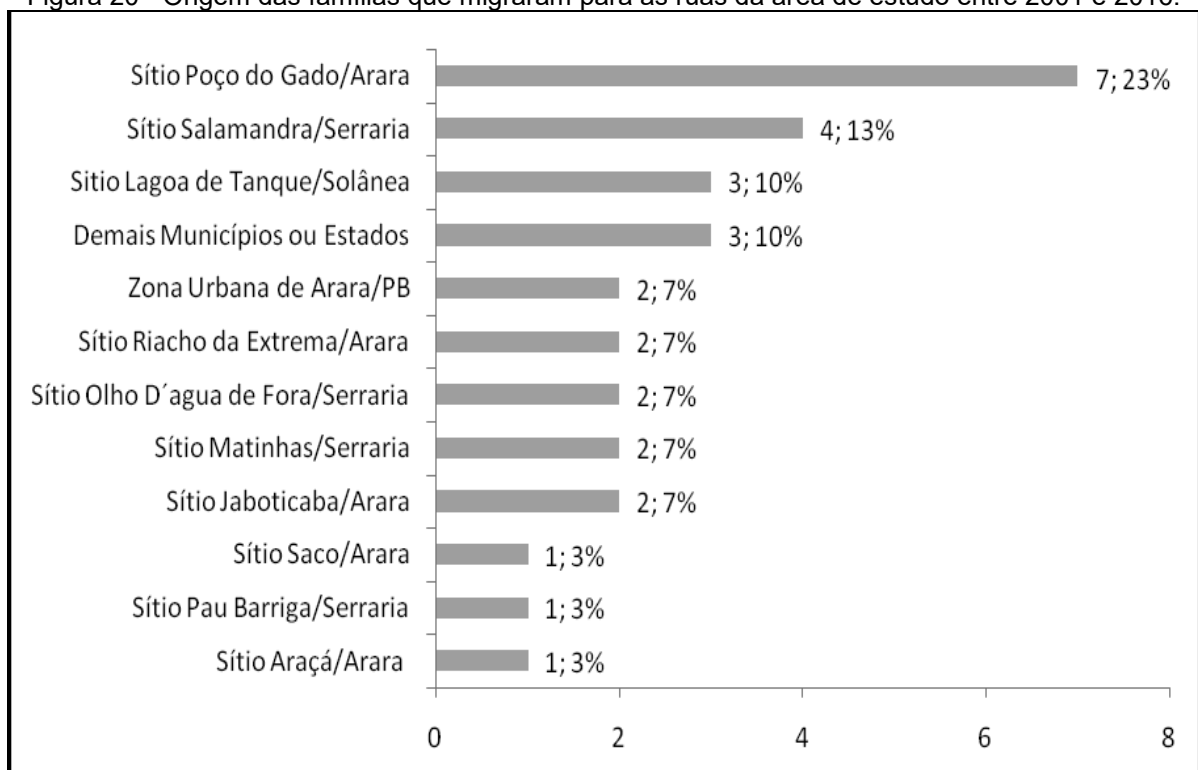
Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2017 – (Pesquisa de Campo).

Conforme se observa na Figura 19, entre os anos de 2001 e 2004, eram poucas as famílias que ocupavam as ruas supramencionadas. Entre as explicações para isso, destaca-se a pouca atratividade da localidade, que ainda estava ganhando o status de rua, e o grande volume de pessoas, que ainda morava no campo (Pesquisa de campo, 2017). De 2005 a 2011, tomando como base as informações da mesma Figura e os dados coletados na pesquisa de campo, percebe-se que ocorreu um aumento significativo no número de famílias no presente local do objeto de estudo, devido a dois acontecimentos importantes: a valorização da localidade, que agora já apresenta um status de rua; e a falta de segurança no campo que cresceu muito nos últimos tempos.

Além disso, o mesmo gráfico e a coleta dos dados da pesquisa de campo mostra que entre os anos de 2012 e 2013, o número de famílias migrantes para essas ruas passam a decair gradativamente, se comparado aos anos de 2005 a 2011. No entanto, entre os anos de 2014 e 2016, o número de famílias migrantes volta a crescer novamente, e se mantêm estabilizado até o corrente ano da pesquisa.

As famílias que residem nas ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, em Arara, são provenientes do campo. Em especial da zona rural do próprio município. Foram detectados habitantes provenientes também de dois municípios circunvizinhos: Serraria e Solânea. Das 11 localidades presentes na zona rural dos três municípios, exceto as pessoas que já habitavam sobre a zona urbana do município de Arara, o maior número de famílias que migraram para a cidade entre os anos de 2001 e 2016, veio do sítio Poço do Gado, de Arara, que contou com a participação de 23%, equivalente a 7 famílias (Figura 20).

Figura 20 - Origem das famílias que migraram para as ruas da área de estudo entre 2001 e 2016.



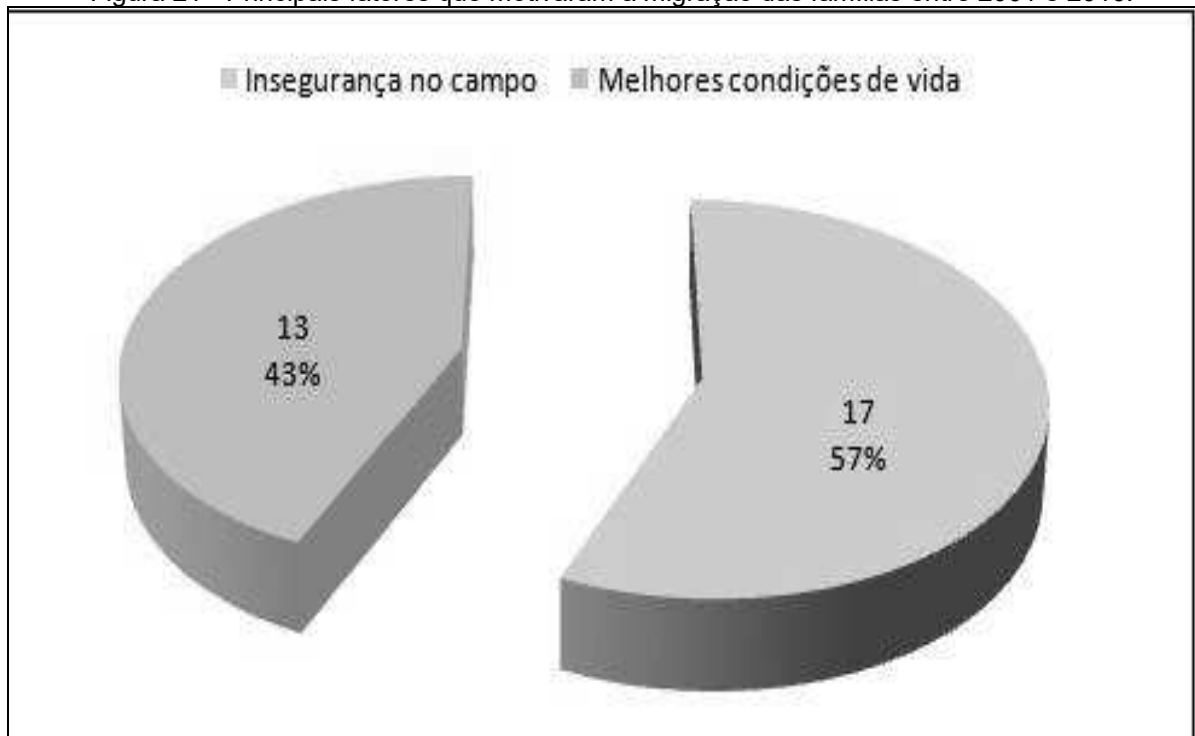
ALVES, M. A. dos Santos, 2017 – (Pesquisa de Campo).

Em segundo e terceiro lugar, destaca-se os sítios Salamandra, de Serraria, com 13% (4 famílias), e Lagoa de Tanque, de Solânea, com 10% (3 famílias). Outras 3 famílias (10%) vieram de outros municípios ou Estados.

Em menores números, tem-se as famílias que já habitavam na zona urbana do município de Arara, só que em outras localidades, e as áreas que englobam o sítio Riacho da Extrema, de Arara, Olho d'Água de Fora e Matinhas, de Serraria, e Jaboticaba, de Arara, todos com 7% (2 famílias), cada. Por fim, têm-se o sítio Saco e Araçá, de Arara, e Pau Barriga, de Serraria, representando 3% (1 família) cada localidade.

Dentre as causas que motivaram a migração dessas famílias para as ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, obrigando-as a se ajustarem a um novo estilo de vida na cidade estão: a insegurança no campo e a busca por melhores qualidades de vida (Figura 21).

Figura 21 - Principais fatores que motivaram a migração das famílias entre 2001 e 2016.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2017 – (Pesquisa de Campo).

Conforme se observa na Figura 21, das famílias entrevistadas 57% (17/30) afirmaram que a “insegurança no campo” foi um fator decisivo para a ocorrência de suas migrações em direção a cidade, enquanto que a opção “melhores condições de vida”, corresponde a 43% das famílias (13/30).

Nesta última opção, as famílias afirmaram que na zona rural não existe condições de vida satisfatória, e se existem, são poucas. Por isso, preferiram se estabelecer na cidade. Além disso, existe a questão da proximidade dos serviços que a própria cidade tem a oferecer como hospital, escolas, comércio entre outros, que são itens atrativos para os habitantes residirem na cidade.

Diante disso, quando questionado acerca dos motivos que favoreceram a vinda para a cidade, um dos entrevistados (aposentado) relatou que: “Eu vim por gosto e vontade, também já tava véi. Eu sei que tem dessas desavenças no meio do mundo, mas graças a Deus num aconteceu nada comigo não” (INFORMAÇÃO VERBAL).²

Algumas famílias relataram que a violência contribuiu para que as mesmas se decidissem em residir na cidade. Dentre os motivos a agressão física, vivenciada por aquelas que tiveram as suas residências no campo saqueadas. Como também, em um segundo momento, pela pressão psicológica, que fica após as pessoas terem sido assaltadas, ou/e escutado rumores que aconteceram nas casas dos seus vizinhos. Como se percebe no relato da entrevistada n° 2 (agricultora), que ao ser questionada acerca dos motivos que favoreceram a sua migração para a cidade, ao afirmar que: “Se não fosse a violência eu num vinha nunca [...]. Eles quebraram tudo, reviraram tudo, procurando dinheiro na minha casa. Isso foi um terror. Quebraram um quadro, espelho [...].” (INFORMAÇÃO VERBAL)³.

E essa ação de sair do campo em direção a cidade, de forma forçada, pode atrapalhar na qualidade de vida dessas famílias. Isso porque as mesmas se encontram vulneráveis a um novo estilo de vida. Conforme se observa no resultado de uma pesquisa, ao afirmar que “[...] mudar de país ou trocar o campo pela cidade, ainda que se apresente a busca por melhores condições de vida, amplia o risco de surgimento da esquizofrenia” (REVISTA PESQUISA FAPESP, 2004 p.53, *apud* BAGLI, 2010).

Apesar de muitas famílias terem migrado para a cidade, se desterritorializando por conta da violência no campo, observa-se a necessidade de muitas famílias em manter alguma relação com o espaço anterior. Em outras palavras, manter as suas referências, mesmo que seja parcial com o campo. O que se comprava pelo fato de terem saído, mas não vendido a propriedade rural. Como também, pelo contato com o campo durante o dia. Esse contato é nítido muito das vezes através da continuação das suas atividades no campo (mesmo tendo saído) ou/e até mesmo pelo simples fato de querer visitar o lugar (que quando tal violência não se fazia presente, podia-se viver tranquilamente no campo).

² Frase dita por um morador das ruas objeto de estudo, através de uma entrevista em 2017.

³ Frase dita por uma moradora das ruas objeto de estudo, através de uma entrevista em 2017.

No que se refere à identidade e contato de algumas famílias com o campo, para o desenvolvimento de atividades trabalhistas, mesmo tendo migrado para a cidade, uma das explicações para isso seria a pouca oportunidade de trabalho. Haja vista que a cidade, não oferece emprego a todos que vivem nela. Em razão disso, diariamente ou algumas vezes por semana, essas famílias visitam o campo com a iniciativa de desenvolver alguma atividade. Em outras palavras, seriam as chamadas “populações agrícolas” (SANTOS, 2013), que moram na cidade durante a noite, ao dormirem por conta da violência, e ao amanhecer, regressam para o campo no intuito de desenvolverem alguma atividade neste espaço.

Já a busca pelo campo como opção de lazer, decorre pela falta de identidade com o novo espaço ocupado na cidade. Essa falta de identidade diz respeito ao fato de existirem famílias que se desterritorializaram com o estilo de vida urbano. O cheiro da terra molhada, um ar mais puro, a criação do gado, entre outras atividades no campo, geram uma identidade nas pessoas que passaram parte de suas vidas por ali.

Como a questão do trabalho e a identidade é algo forte na vida dessas populações migrantes, que saíram em sua maioria do espaço rural, observa-se que existe por parte de uma família, a preocupação de tentar resgatar o estilo de vida do campo na cidade através da criação de aves, como a galinha de capoeira ou “galinha caipira”, a criação do gado e, a plantação e corte da ração bovina. É a construção de um novo espaço agrícola dentro da própria cidade (MAIA, 1999 *apud* FERREIRA & ROSA, 2010). Essa ruralidade expressa o não rompimento definitivo com a vida no campo e a manutenção da identidade camponesa frente a desterritorialização rural e reterritorialização na cidade (Figuras 22 e 23).

Figura 22 - Plantio de capim para alimentar o gado, localizado na Rua Severino Pereira da Silva.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2017.

Figura 23 - Criação de gado bovino em "curral", localizado na rua Severino Pereira da Silva.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2017.

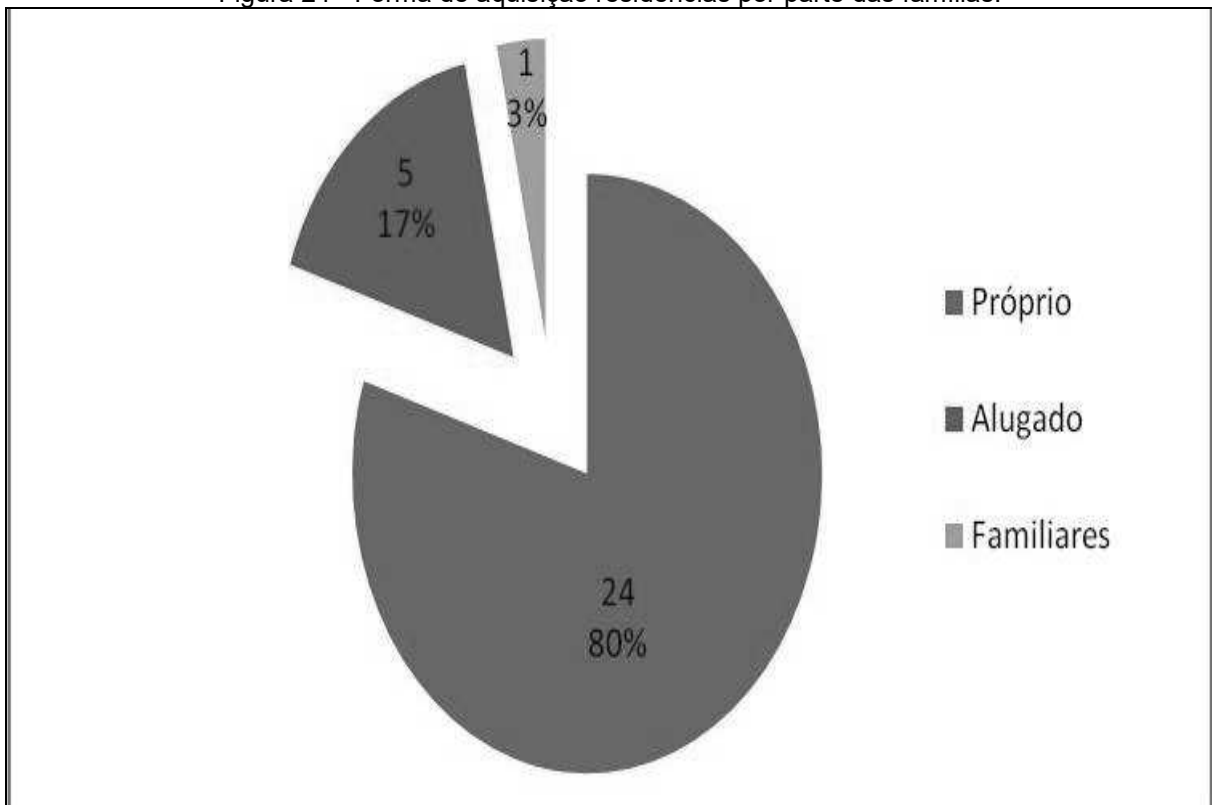
Em outras palavras, essa reterritorialização se configura quando há uma recriação de características do campo na cidade, como o estilo *continuum*, que mistura elementos de dois espaços distintos. Uma contradição a noção de cidade, quando se classifica a mesma conforme a sua função. Desse modo, esta nova prática na cidade com a “[...] existência de currais, estábulos, granjas, chácaras demonstram a permanência de atividades rurais não apenas como fonte de renda para alguns, mas também como manutenção de hábitos peculiares de alguns moradores” (FERREIRA & ROSA, 2010, p.194).

Também é importante frisar, que a configuração *continuum* se apresenta não somente em pequenas cidades, a exemplo de Arara – PB. Mas também, em cidades de médio e grande porte. Ultimamente, devido à existência de poucas áreas naturais e o estilo de vida corrido e estressante nas cidades. Determinados estabelecimentos situados no perímetro urbano, trazem alguns traços do estilo de vida do campo ou até mesmo dos elementos paisagísticos desse espaço, na cidade. Como forma de atrair as pessoas que buscam um lugar mais tranquilo, próximo a natureza e que mantenha alguns hábitos do campo.

São exemplos disso, os restaurantes de cidades que se localizam próximos a áreas naturais, que servem comidas típicas e resguardam os hábitos do campo. Quanto também os resorts, que assim como os restaurantes supramencionados, são apoiados pela prática do turismo alternativo.

Das famílias que migraram para as ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, entre os anos de 2001 e 2016, percebe-se que 80% (24/30) dessas que compõem a pesquisa residem em domicílio próprio, 17% (5/30) em domicílio alugado e 3% (1/30) em casas de familiares (Figura 24).

Figura 24 - Forma de aquisição residências por parte das famílias.



Fonte: ALVES, M. A. dos Santos, 2017 – (Pesquisa de Campo).

As famílias que residem em casas próprias correspondem às pessoas que vieram da zona rural de Arara, da própria cidade, de outros municípios e estados, e tiveram condições de construir ou comprar uma propriedade nas ruas supramencionadas. Essas condições vieram a partir de recursos poupados ou/e de empréstimos, como o caso das famílias que migraram por conta da violência no campo. Além disso, foram as que de fato deram impulso para o surgimento das ruas supramencionadas.

Diferentemente da segunda e terceira categoria familiar, encontra-se as famílias que migraram da zona rural do próprio município, de outros estados e municípios vizinhos, que ao chegarem à cidade de Arara não tiveram condições para adquirir um imóvel. Restando apenas a essas, a oportunidade de alugar ou morar em casas de familiares.

Esta situação em que as famílias de baixa renda vivenciam com ausência de um lar, por residirem em casas de familiares ou em domicílios alugados, faz com que as mesmas se sintam vulneráveis às ações da natureza, ou a problemas financeiros como o desemprego. Sem contar também, da insegurança, que é um dos grandes

problemas que vem ganhando espaço nas pequenas e médias cidades brasileiras, atualmente.

Diante da situação, destaca-se que a moradia de acordo com Rodrigues (2003, p. 49)

[...] para as populações de baixa renda, a segurança de um teto é uma questão fundamental, porque mesmo se eventualmente ficarem desempregados estarão seguros pelo fato de terem onde morar. Ter uma terra/casa é a garantia de ter seu lugar na cidade, nos períodos mais difíceis.

Desse modo, compreende-se que ter uma terra ou um lar para morar, seja na cidade ou no campo, é mais do que um direito social reconhecido pelo Constituição Federal. É uma necessidade humana, assim como o próprio alimento. Da mesma que o ser humano necessita de alimento para sobreviver, ele também necessita de um lar para se proteger do sol, chuva e até mesmo da insegurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da realização do estudo de caso (que contou com a observação *in loco*, revisão bibliográfica, levantamento de dados estatístico da população do município pelo IBGE, aplicação de questionários e entrevistas destinadas a uma amostragem de 85 habitantes, residentes nas ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, durante o segundo semestre de 2017), foi diagnosticado que a insegurança no campo (57%) e a procura por melhores condições de vida (43%) foram fatores que mais motivaram o processo de êxodo rural em direção a cidade de Arara-PB, entre os anos de 2001 e 2016.

As populações que migraram para a cidade de Arara-PB e passaram a residir nas ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, principalmente entre os anos de 2005 (13%) e 2011 (16,7%), períodos de maior incidência, vieram em grande maioria do campo. Em especial dos sítios Poço do Gado (23%), de Arara, Salamandra (13%), de Serraria, Lagoa de Tanque (10%), de Solânea entre outros. Além disso, em números populacionais menores de outras cidades, estados e da zona urbana da cidade (17%).

Outro ponto que também merece destaque é que, 80% (24) das famílias que residem nas ruas supramencionadas, possuem casa própria, 17% (5) moram em casas de famílias e 3% (1) residem em domicílio alugado. Nesse sentido, demonstra-se que cerca de 20% das famílias (6), ainda não possuem a segurança e a estabilidade ao residir na cidade de Arara, pois não possuem casa própria. Ficando assim, a depender do apoio de outros familiares, que já residiam na mesma cidade, ou dos contratos de aluguel.

É importante também frisar que, mesmo havendo um grande número de moradores oriundos do campo, residindo nas ruas Severino Pereira da Silva e Professor José Erivaldo de Lima Silva, em Arara-PB, são muitas as famílias que ainda não perderam os seus vínculos com o espaço rural. A exemplo das famílias que possuem suas residências no campo, que costumam visitá-la habitualmente a trabalho, passeio ou em busca do contato com a natureza.

Salienta-se também o caso de uma das trinta famílias residente nas ruas supramencionadas, que apesar de não ter mais a sua residência no campo, trouxe para a própria residência da cidade algumas características do campo, através da criação de animais. Em especial a galinha de capoeira e o gado bovino.

Destaca-se ainda, que nas novas ruas objeto de estudo, em Arara-PB, 32% (27) dos habitantes são estudantes, 28% (24) agricultores, 20% (17) aposentados, 11% (9) estão desempregados, 6% (5) desenvolvem atividades polivalentes e 3% (3) são funcionários públicos. Em razão dessas atividades econômicas desenvolvidas pelos habitantes, a renda média das 30 famílias tende a variar entre menos de um salário mínimo 17% (5), um salário mínimo 47% (14), um salário mínimo e meio 3% (1), dois salários mínimos 23% (7) e mais de dois salários mínimos 10% (3). Que configuraram uma certa homogeneidade geoeconômica dos habitantes da área.

Tais dados expostos, o estudo e a atividade econômica envolvida, evidencia que a migração de parte dos idosos e agricultores para a cidade, se fez mais por uma imposição trazida pela insegurança. Já que mesmo vivendo na cidade, ainda existia nos 24 agricultores o desejo de se deslocar até o campo para trabalhar, e para os 11 idosos aposentados, o desejo de viver no campo, em contato com a natureza.

Ao contrário dos outros 6 idosos aposentados que dos 27 estudantes, que procuraram o espaço urbano por melhores condições de vida na cidade. O primeiro, porque não existia estrutura para os mesmos cuidarem da saúde, além de não necessitarem trabalhar no campo, já que possuíam uma renda fixa mensalmente, em decorrência de suas aposentadorias. O segundo, porque na maioria das vezes, o grau de escolaridade existente no campo, não atendia as necessidades dos estudantes.

É importante também frisar que, dos 85 habitantes que residem nas novas ruas que surgiram na cidade de Arara – PB, entre os anos de 2001 e 2016, cerca de 18% (15) dos mesmos com idade acima de 44 anos, nunca tiveram acesso à Educação Básica. Além disso, 39% (33) dos habitantes não concluiu o Ensino Fundamental, por conta que 24 habitantes desistiram, com entre idade entre 20 e 60 anos, e 9 com idade entre 0 e 14 anos ainda permanece se dedicando a vida estudantil. Destaca-se também, que apenas 15 % (13) dos habitantes com idade entre 20 e 39 anos, concluíram o Ensino Médio. O que demonstra que a situação de pobreza está fortemente vinculada à baixa escolaridade, que por sua vez, condiciona a baixa renda desta população.

Vale destacar que a sutil mudança no nível de escolaridade, mesmo que o número de pessoas com nível superior seja reduzido, pois se observa que houve

uma maior acessibilidade ao ensino que se reflete na faixa etária entre 20 e 39 anos com formação superior concluída ou em andamento.

Convém destacar ainda que, a pirâmide etária das populações que migraram do campo e de outras localidades para as novas ruas da cidade de Arara, é desequilibrada. Na base da pirâmide, por exemplo, a taxa de natalidade vem decaindo entre os jovens de 0 e 19 anos de idade. Sendo 15 homens, para cada 11 mulheres. Um indicativo que um maior tempo de estudo, resulta numa menor taxa de natalidade.

No corpo da pirâmide, que é composta por 42 habitantes, sendo 24 mulheres para 18 homens, com idade entre 20 e 59 anos. Percebe-se, que a mão-de-obra disponível ainda permanece em alta. No entanto, a mesma vem se recuando aos poucos, com a elevação do quantitativo de idosos/as no topo da pirâmide. Das 17 pessoas que compõem o topo da pirâmide com idade acima de 60 anos, 12 corresponde as mulheres e 5 aos homens. O aumento da terceira idade destaca uma melhoria na expectativa de vida (maior acesso aos serviços de saúde e lazer), que junto à renda e ao tempo de estudo, compõem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

. Desse modo, percebe-se que o processo de êxodo rural sempre existiu ao longo da história da humanidade, contudo, com diferentes abordagens. O assunto de extrema relevância trouxe a tona o processo de êxodo rural em função de uma nova problemática, atualmente vivenciada por algumas cidades brasileiras de pequeno e médio porte, que é a insegurança no campo.

Portanto, se faz necessário por parte dos representantes políticos das esferas municipais, estaduais e federais, a criação novas políticas públicas para atender ao homem do campo. Sobretudo, as políticas que estejam ligadas a área de segurança, pois quando não as levada a sério, contribuem para a ampliação de problemas sociais e o esvaziamento demográfico no campo. Além disso, podem trazer sérios reflexos aos habitantes que vivem nas pequenas e médias cidades.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, R. Iturriet; MACHADO, A. Moreira. Transição demográfica brasileira: desafios e oportunidades na educação, no mercado de trabalho e na produtividade. **Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 2015. p. 23.

BECKER, B. K. **Amazônia**. São Paulo: Ática, 1990.

BRASIL. Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental. **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 174.

_____. Decreto nº 5.452, de 1 de mai. de 1943. **Consolidação das Leis do Trabalho**. Brasília: DF, mai. 1943.

BRAGA, Fernando Gomes; SANTOS, Caetano Ferreira. **Novos padrões da migração no Brasil: um estudo do perfil socioeconômico dos migrantes internos entre 1980 e 2000**. Porto Alegre, 25-31 jul. 2010.

CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. **Ibiapina e Santa Fé nos desafios do tempo: um manuscrito do século XXI em confronto com outros textos**. João Pessoa: Ideia, 2015.

COELHO, Marcos de Amorim; TERRA, Lygia. **Geografia geral e do Brasil: o espaço natural e socioeconômico**. (Volume único). São Paulo: Moderna, 2005.

DANTAS, Eugênia Maria. et al. **Geografia da população**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2011.

FARIA; CANO. In: MATOS, Ralfo. Migração e urbanização no Brasil. **Geografias**. Belo Horizonte. v.8, p. 7-23, 2012.

FAUSTO, Boris. (Col.). **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

FELICIANO, Carlos Alberto. A prática da violência no campo brasileiro do século XXI. **Biblioteca Digital da Questão Agrária Brasileira**, 2015. Disponível em: <<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/biblioteca/livro/pr%C3%A1tica-da-viol%C3%A2ncia-no-campo-brasileiro-do-s%C3%A9culo-xxi>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

GONZAGA, Luis; TEIXEIRA, Humberto. Asa Branca. **Museu da Canção**. Criação da música, 1947, 20 de novembro de 2012. Disponível em: <<http://museudacancao.blogspot.com.br/2012/11/asa-branca.html>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais. **Saber**. João Pessoa: Secretaria da

Educação do Estado da Paraíba, 2014. Disponível em:
<<http://saber.pb.gov.br/visitor/indicators/6>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais**, 2002. Disponível em:
<<https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/12062003indic2002.shtm>>.
Acesso em 29 jan de 2018.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD**, 2006. In: SANTOS, J. César dos; FREITAS, P. Martins de. Planejamento familiar na perspectiva do desenvolvimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(3):1813-1820, 2011.

_____. **Censo demográfico do ano 2000; 2010 e estimativas preliminares da população de Arara-PB no ano de 2016**. Disponível:
<<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pb/arara/historico>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

_____. **Lei Estadual nº 2602**. Formação administrativa do município de Arara/PB. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pb/arara/historico>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

ITO, Claudemira Azevedo. **Reflexões sobre as migrações internacionais**. Campinas: ABEP, 2009. Disponível em:
<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/5EncNacSobreMigracao/comunic_sec_2_ref_mig_int.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2017.

MENEZES, I. G. de. Valorização do rural versus valorização do Camponês: desenvolvimento trabalho e cidadania. **Revista eletrônica temática**. Out. 2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A geografia das lutas no campo**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

PARAÍBA. In: SILVA, Antônio Gregório da. et al. Avaliação de Recurso naturais e potencialidades de uso para o município de Arara-PB. **UFPB**, 2003. Disponível em:
<http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/gema/images/stories/trabalhos_tecnicos/cenario_rural/diagnosticodearara.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

REIS, Flaviano Pereira. As festas populares religiosas: abordagem espacial de uma manifestação cultural em Arara, Estado da Paraíba. **Geo UERJ**, Ano 11, V. 3. n. 20, 2. Semestre de 2009. p. 168-186.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas cidades brasileiras**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

ROSA, Lucelina Rosseti. FERREIRA, Darlene Aparecida de Oliveira. Categorias rural, urbano, campo cidade: a perspectiva de um continuum. In: SPOSITO, M. E. B; WHITACKER, A. M. (Org.). **Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 187 – 204.

SALVADOR, Frei Vicente de. In: FAUSTO, Boris. (Colaboração). **História do Brasil**. 14. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SERRA, G. Fundamentos econômicos da aglomeração. In: **O espaço natural e a forma Urbana**. São Paulo: Nobel, 2001. p. 39 – 48.

SILVA, Antônio Gregório da. et al. Avaliação de Recurso naturais e potencialidades de uso para o município de Arara-PB. **UFPB**, 2003. Disponível em: http://www.geociencias.ufpb.br/~paulorosa/gema/images/stories/trabalhos_tecnicos/cenario_rural/diagnosticodearara.pdf. Acesso em: 02 abr. 2017.

_____. **História. Prefeitura municipal de Arara – PB**, 2017. Disponível em: <http://www.arara.pb.gov.br/a-cidade.html>. Acesso em: 16 abr. 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

VERAS, R. P. et al. Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade. **Rev. Saúde públ.**, S. Paulo, 21, 1987, p. 225 - 233.

APÊNDICE A – ROTEIRO COM AS PERGUNTAS DA ENTREVISTA



**CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC:
“ÊXODO RURAL E CRESCIMENTO URBANO NO MUNICÍPIO DE ARARA-PB”
ORIENTADOR: PROF. DR. ANTÔNIO ALBUQUERQUE DA COSTA**

**ENTREVISTA COM OS HABITANTES QUE REALIZARAM A MIGRAÇÃO
CAMPO-CIDADE NO MUNICÍPIO DE ARARA-PB.**

01. De onde você veio e desde quando reside por aqui?

02. De quem era a propriedade em que residia?

Própria () b) Alugada () c) Familiares ()

03. Que motivos levou/ram você/s a vir/rem morar nesta cidade?

04. Você veio com quem?

a) Familiares () b) Sozinho/a () c) Amigos d) Esposa/o e filhos/as ()

05. Como era o espaço residencial, quando você se mudou para cá?

06. De quem é a propriedade em que reside, atualmente?

a) Própria () b) Alugada () c) Familiares ()

07. O preço dos terrenos ou/e das residências, assim que você chegou a esta localidade, ainda apresenta o mesmo valor?

a) () Sim.
b) () Não. Então, de quanto foi à valorização? _____

08. Você gosta de morar nesta cidade?

a) () Sim, porque _____
b) () Não, porque _____

c) () Em parte, porque _____

09. Você prefere viver em que lugar?

a) Na cidade () b) No campo () c) No campo e na cidade ()

Por quê? _____

10. No local onde residia, havia facilidades de serviços?

a) Sim. Quais? _____
b) Não.

11. Com a sua chegada à localidade onde reside atualmente, houve alguma perda das relações existentes com o espaço anterior?

a) () Sim, porque _____
b) () Não, porque _____
c) () Em partes, porque _____

12. Quais os problemas detectados por você na sua cidade e como estes deveriam ser resolvidos, em sua opinião.

13. Quais os problemas detectados por você no campo e como estes deveriam ser resolvidos, em sua opinião.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO DA PESQUISA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC:
“ÊXODO RURAL E CRESCIMENTO URBANO NO MUNICÍPIO DE ARARA-PB”
ORIENTADOR: PROF. DR. ANTÔNIO ALBUQUERQUE DA COSTA

PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS HABITANTES QUE REALIZARAM A MIGRAÇÃO CAMPO-CIDADE, NO MUNICÍPIO DE ARARA-PB.

Prezado/a senhor/a,

O presente questionário ao qual você encontrará mais adiante, está sendo efetivado com o intuito de elaborar um perfil socioeconômico dos habitantes que realizaram a migração campo-cidade, no município de Arara-PB. Sendo assim, peço-lhe, por gentileza que V.S^a contribua na aquisição de informações desta natureza, pois sua participação é muito relevante para a compreensão da realidade destes habitantes e a elucidação dos motivos que os levaram a realização deste processo.

1. Caracterização do/a entrevistado/a
Identificação numérica: Idade: Sexo: (<input type="checkbox"/>) Masculino (<input type="checkbox"/>) Feminino
2. Habitação
Quantas pessoas moram com você?
a) (<input type="checkbox"/>) Uma b) (<input type="checkbox"/>) Duas c) (<input type="checkbox"/>) Três d) (<input type="checkbox"/>) Quatro e) (<input type="checkbox"/>) Mais de quatro
3. Renda
A média bruta salarial na sua residência por mês é:
a) (<input type="checkbox"/>) Menos de um salário mínimo b) (<input type="checkbox"/>) R\$ 937,00 c) (<input type="checkbox"/>) Um salário mínimo e meio d) (<input type="checkbox"/>) Dois salários mínimos e) (<input type="checkbox"/>) Três salários mínimos ou mais
4. Formação
Qual o seu nível de escolaridade?
a) (<input type="checkbox"/>) Nunca estudei b) (<input type="checkbox"/>) Ens. Fund. incompleto c) (<input type="checkbox"/>) Ens. Fund. completo

d) () Ensino Médio incompleto e) () Ensino Médio completo
f) () Ensino Superior incompleto g) () Ensino Superior completo
5. Atividade econômica envolvida
Quem trabalha na sua residência?
a) () Eu trabalho de _____ b) () Minha esposa de _____
c) () Meu/minha filho/a de _____ d) () Ninguém, sou/mos aposentado/s e) () Ninguém trabalha